Edição Semanal da Empreza d'O Seculo — N.º 44 — Lisboa, 24 de dezembro de 1906

Illustração Portugueza

DIRECTOR Carlos Malheiro Dias = EDITOR José Joubert Chaves

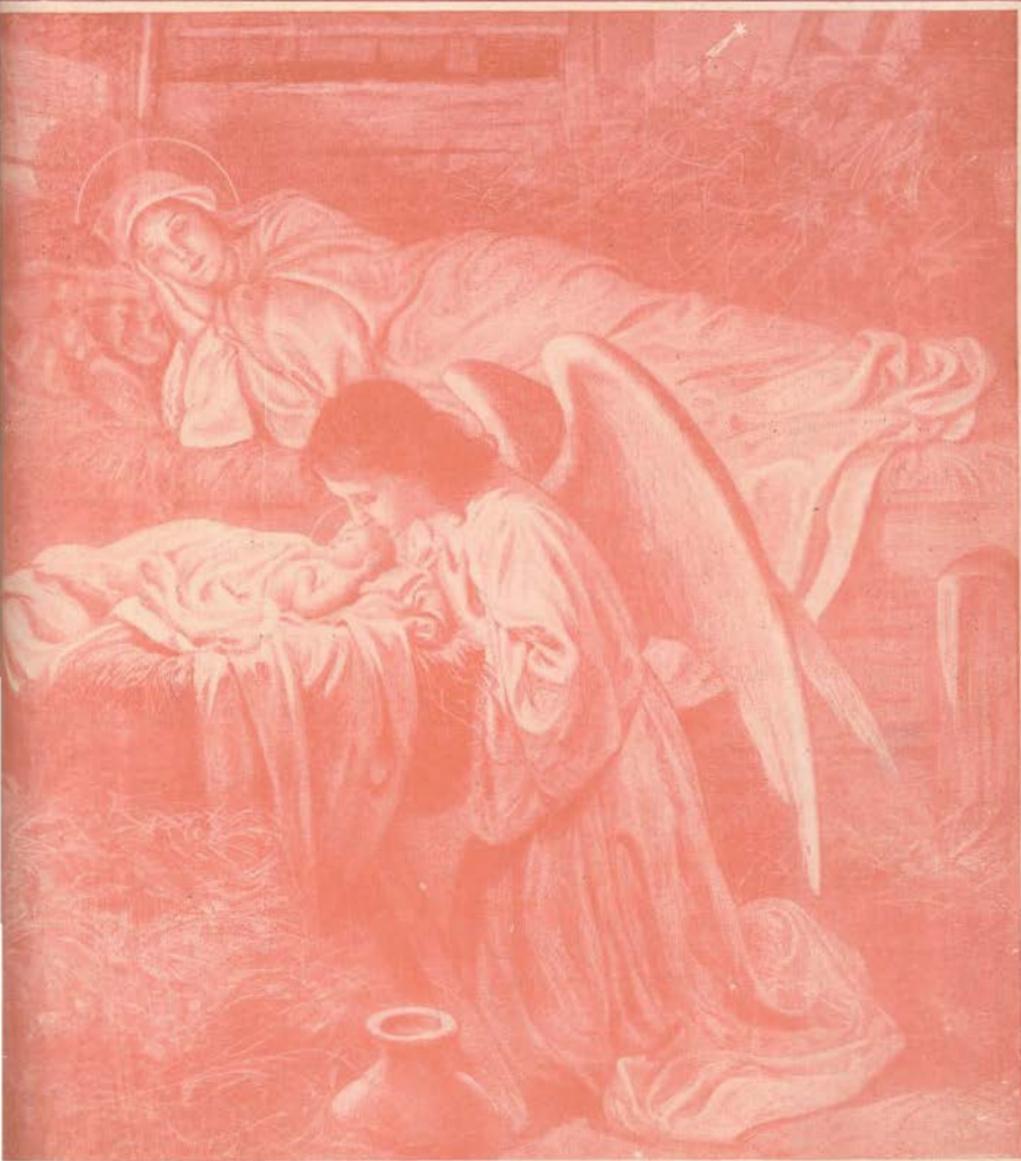
Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha

Anno	4$800
Semestre	2$400
Trimestre	1$200

Assignatura conjuncta do Seculo, do Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portugueza

PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA

Anno	8$000	Trimestre	2$000
Semestre	4$000	Mez (em Lisboa)	700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS — Rua Formosa

Summario

S. CHRISTOVÃO, de Eça de Queiroz; O PRIMEIRO BERÇO, de Guerra Junqueiro; SEMPRE NOIVA, do Conde de Sabugosa; FLORES DE ROMA, de Ramalho Ortigão; MYLITTA, de Luiz de Magalhães, TEDIO MORTAL, do Conde de Monsaraz; O MINHO, do Conde d'Arnoso; ROMANCE DA PASTORA LINDA, de Antonio Feijó; A COPA DE BALTHAZAR, de Eugenio de Castro; OS VENCIDOS DA VIDA, de Manuel

Electricidade = Machinas = Apparelhos

M. Herrmann

Casa fundada em 1865

Officinas:

Calçada do Lavra, 8 a 10

Deposito:

Rua de S. José, 2 a 8

LISBOA

Installações = Construcções electricas

EMILIO BIEL

Escriptorio Electro-Technico e officina

PALACIO DO BOLHÃO

RUA FORMOSA, 342 - PORTO

DEPOSITO DE MACHINAS E DE TODA A CLASSE DE MATERIAL ELECTRICO

Installações electricas completas; illuminação de cidades, fabricas, casas particulares, etc.

Transmissão de energia, tracção electrica, accumuladores, galvanoplastia, electro-chimica e electro-therapia, etc.

Dynamos e motores electricos, transformadores, accumuladores electricos, ventiladores.

Motores OTTO legitimos A gaz rico, gaz pobre, e a liquidos combustiveis.

TURBINAS. MACHINAS A VAPOR.

Machinas para diversas industrias,

ARCOS VOLTAICOS de diversos systemas, lampadas de incandescencia, limita correntes. Correias, oleos, etc.

Mais de 300 installações feitas em Portugal com accumuladores, dynamos, machinas a vapor, turbinas, motores a gaz, ergina, gaz pobre, alcool, gazolina e petroleo.

Projectos e orçamentos gratuitos. Descontos aos revendedores.

EMILIO BIEL

ESCRIPTORIO ELECTRO-TECHNICO E OFFICINA: PALACIO DO BOLHÃO — RUA FORMOSA, 342 - PORTO

FABRICA DE PAPEIS PINTADOS

PORTO

Antonio Cardoso da Rocha

DEPOSITO

178 RUA DE SANTO ANTONIO 180

Collegio da Boa-Vista

104, 108, 112, Rua da Boa Vista, 104, 108, 112

PORTO

Estabelecimento montado segundo os mais modernos preceitos. Sala de banhos. Pavilhão de isolamento para as doenças infecciosas. Mobiliario escolar moderno. Campo de jogos. Jardim da infancia. Instrucção primaria e secundaria. Gymnasio.

INSPECTOR DO ESTUDOS

João Diogo

Carta ao meu amigo Bernardo Pindella

Entre tanta miseria e tantas coisas vis
D'este vil grão d'areia,
Inda tenho o condão de me sentir feliz
C'o a felicidade alheia.

A minha noite escura, á noite tormentosa
Onde busco a verdade,
Chegou co' as azas de oiro a canção côr de rosa
Da tua f'licidade:

E's pae! Viste nascer um fragmento de aurora
Da tua alma, de ti!
Oh, minuto divino em que o sorriso chora
E em que o pranto sorri!

Que ventura radiante, oh que ventura infinda!
Que olympicos amores!
Ter fructos em abril com o vergel ainda
Estrellado de flôres!

Deslumbramento! Vêr n'um berço o teu futuro
Sorrindo ao teu presente!
Ter a mulher e a mãe; juntar o beijo puro
Com o beijo innocente

Eu que vou, javali de flanco ensanguentado
Pelos rudes caminhos,
Ajoelho quando escuto á beira d'um vallado
Os murmurios dos ninhos.

Em tudo o que alvorece ha um sorriso d'esperança...
Candura immaculada!
E quer seja na flôr, quer seja na creança,
Sente-se a madrugada.

Quando, como um aroma, o halito da infancia
Roça nos labios meus,
Vejo distinctamente encurtar-se a distancia
Entre a nossa alma e Deus.

A mão para apontar o azul, mão côr de rosa,
Que aconselha e domina,
Será tanto mais forte e tanto mais bondosa
Quanto mais pequenina!

GUERRA JUNQUEIRO.

S. Cristovão

Um dia, n'uma floresta, ao entardecer, quando por sobre as frondes resoavam as buzinas dos porqueiros e lentamente, na copa alta dos carvalhos, se calavam as gralhas, um lenhador de surrão de estamenha, que rijamente trabalhara no souto desde o cantar da calhandra, prendeu a machada ao cinto de couro, e com a sua égoa carregada de lenha, recolheu, pelos caminhos da aldeia, ao castello de seu senhor.

Deante de cada cruz, pregada nos troncos da matta, tirava o seu barrete de pelle de coelho, resava uma Ave-Maria. Ao passar na lagôa, mais reluzente sob a amarellidão da tarde, entre os seus altos canaviaes, que uma moeda de ouro nova, deixou um molho de carqueja e d'achas para o Eremita, que alli erguera a sua choça de rama. E adeante, n'um pinheiral, apezar de já luzir no alto a estrelinha da tarde e o bom trabalhador ter fome, parou, até encher o saco d'uma velhinha que, tremendo e arrimada a um bordão, apanhava agulhas e pinhas. A velha murmurou: — «Deus te dê alegria em tua casa.»

Longamente ainda, ora por caminhos claros que soavam como lages, ora sob a ramaria alta, por veredas fofas de musgo, tilintaram no silencio e na penumbra os guizos da égoa. E a noite cerrava, quando para além d'uma ponte de taboado, que tremia sobre uma torrente secca por aquelle lento Agosto, o povoado appareceu, entre o arvoredo do valle, com a capella branca e toda nova que o Senhor do Castello andava erguendo a S. Cosme.

O lenhador, com a sua égoa, metteu por uma longa alameda de faias, atraz d'um carro que rodava, carregado de matto. A estacada, que outr'ora cercava a aldeia, apodrecera, sob os soes, sob as chuvas, ao abandono, durante os longos e fartos annos de paz: e as cabanas repousavam entre os pomares, em segurança e fartura. Dos tectos, bem cobertos de colmo seguro por lascas de lousa, subia o fumo lento e cheiroso das pinhas e das agulhas, ardendo com abundancia nas lareiras. Em todas as córtes grunhiam porcos. Pelas quelhas mais escuras, as raparigas passavam para os serões, sem temor, com a sua roca á cintura. Por detraz dos muros d'adobe, morria o murmurio dormente dos Terços e das Coroas resadas em côro, nas contas. Raramente latia um rafeiro por detraz da cancella ou das sébes. No adro, o forno senhorial ainda ardia, tanta era a fartura do pão a cozer. E junto da fonte, toldada pelas ramagens d'um ulmeiro, no banco de pedra onde aos domingos os velhos vinham julgar os pleitos de gados ou de aguas, os dois archeiros do Castello, que todas as noites rondavam a aldeia, dormiam, sem cuidados, como frades, com os seus arcos cahidos no chão.

Lentamente, ao rumor lento dos guisos, o bom lenhador e a sua égoa passavam, ao fim do povoado, a alta taberna do «Gallo Preto», que estendia atravez da estrada a sua comprida vara infestada de louro. Dois romeiros, com vieiras e conchas na murça de burel, bebiam á porta, por grossos picheis de estanho. Dentro, um pobre menestrel, de longa guedelha cahida sobre o gibão em farrapos, tangia a sua viola de tres cordas: e um frade mendicante, com a sacola sobre os joelhos, um caldeireiro com os tachos de latão e a ferramenta pousada ao lado, no chão de terra negra, jogavam os dados sobre um banco, na penumbra das pipas bojudas, que todas tinham uma cruz branca para que os maus espiritos não azedassem o vinho.

O bom lenhador apressara a sua égoa: e bem depressa, do alto d'um cerro coberto d'azinheiras, avistou em baixo o rio, o largo rio escuro, que corria mudamente sob os quatro arcos d'uma velha ponte romana, que tinha ao meio uma capelinha nova, onde pallidamente, na nevoa humida, bruxuleava uma lampada. Para além, na outra margem, era uma longa collina suave, onde se erguia, acompanhado d'arvoredos e cercado de muralhas, como uma cidadella, um mosteiro rico de Dominicos.

Mas, descendo o cerro, o caminho estreito por onde, sob a estrellada mudez da noite, iam tilintando os guisos da égoa, corria, fundo e negro, entre altos barrancos. E como ahi, por vezes, de noite, apparecia um estranho pastor, de cabellos côr de fogo, e seguido por dois lobos familiares, o bom lenhador murmurou, voltado para o santo logar onde nasce a estrellinha d'alva, o nome do anjo Gabriel. Depois, sem temor, atravessou o pinheiral. Já então trilhava as terras do solar do seu senhor. Vastos pastos de gado, campos onde se fizera a ceifa, desciam até o rio, que um choupal bordava, escuro e cheio de rouxinoes. E sobre um forte outeiro, logo o castello appareceu, negro,

formidavel, com altas muralhas, os grandes cataventos em fórma de dragões e de aves heraldicas no cimo de cada torre, e na mais alta, a chamma clara do seu alto pharol.

Uma calçada, de grossas lages, orlada de faias, conduzia ao terreiro, para onde abria, sob a torre de menagem, a estreita porta chapeada de ferro e a ponte levadiça que, sempre descida, n'aquelles doces annos de paz, tinha as cadeias de ferro enferrujadas. D'um lado do terreiro havia um pequeno alpendre, coberto de rama, onde se vendia á vasilha o bom vinho branco das vinhas senhoriaes. Do outro lado, negrejavam os grossos barrotes das forcas seculares. Um velho olmo assombreava o banco de pedra, onde, pelas tardes de verão, o Senhor vinha julgar os delictos, receber vassalagens, ou marcar as portagens devidas pelos mercadores que, com longas récuas de machos carregados, passavam por dentro das suas terras. Nenhuma claridade sahia das janellas das torres, esguias como fendas. As rãs coaxavam na agua negra dos fossos.

O bom lenhador costeou as compridas muralhas, onde por vezes uma mancha mais clara, na pedra negra, era como uma cicatriz de batalha n'uma face requeimada; e passando pela alta cancella d'uma sebe, que ao longe se perdia nos prados escuros, penetrou por uma estreita portella aberta na muralha e guardada por um cão enorme, cujas correntes de ferro arrastavam nas lages.

Dentro, no vasto recinto murado, para além d'um poço de bordas baixas, encimado por um pombal, a casa senhorial erguia a sua fachada simples e severa, d'onde sahia, atravez dos vidros meudos encaixilhados em chumbo, a claridade pallida dos brandões. Um torreão redondo, com balcão, erguia a uma esquina o seu agudo tecto de escamas de louza, encimado por um catavento em fórma de bandeira desdobrada. Aos cantos da casa, esguios dragões alados voltavam para o pateo as guellas escancaradas, por onde as chuvas se escoavam nos regueiros da cisterna. E a lanterna d'um servo, que passava sobre o terraço, allumiava extensas filas de aboboras pousadas no parapeito, para seccar ao sol d'agosto.

O bom lenhador descarregou a égoa na tercena da lenha. Depois, tirando o seu barrete de pello de coelho, foi empurrar a grossa porta da cozinha, armada de puas de ferro. Sob a chaminé, enfeitada de resteas de cebola e de ramos de louro secco, tão vasta que abrigava de cada lado da lareira um longo banco de carvalho, uma chamma clara de troncos, ardendo sobre o brazido, allumiava as paredes caiadas, onde pendiam de ganchos de ferro odres de vinho, caldeirões reluzentes, e os sacos de especiarias. Com o seu largo avental de couro, e um barrete na cabeça rapada, o mestre cortava, sobre um cepo immenso, um anho esfollado. Um servente, de braços nús, regava de molho, com uma longa colher de ferro, as peças de carne que assavam nos espetos, mais compridos que lanças de guerra. Dois lebreus, enroscados, dormiam deante do lume. E rente ao muro, sentados em tripeças, já os moços das abegoarias, os pastores, os cordoeiros, esperavam a ceia, callados, com os seus gorros na mão.

Mas um pagem de longos cabellos encaracolados e trazendo um jarro lavrado ergueu ao fundo a aspera cortina de estamenha, que tapava uma immensa porta em arco, ornada de cabeças de lobos.

E o bom lenhador dobrou humildemente o joelho, entrevendo para além, já allumiada para a ceia por tochas de cêra, a sala senhorial, a vasta mesa tapetada de hervas frescas, as duas lanças transversaes por cima, suspensas do tecto por correntes de ferro, carregadas de pães de sêmea, a nobre cadeira de espaldar, no topo, encimada por um alto brazão, tendo ao lado um poleiro onde dormiam dois falcões; a immensa chaminé de pedra, ao fundo, com figuras em relevo, que agitavam armas. Todos os servos se tinham erguido. E quasi immediatamente, arrastando os seus sapatos de panno amarello, o dispenseiro appareceu, calvo e gordo, com o seu molho de chaves. Era elle quem distribuia as rações aos pastores, aos cordoeiros, aos tosqueadores, aos forneiros, e aos outros servos do dominio que não ceavam nas cosinhas do solar, e bem depressa o bom lenhador recebeu no seu saco de estopa o pão de sêmea, o pichel de vinho, e a posta de carne salgada devida nos dias de grande côrte.

De novo o bom lenhador empurrou, sem ruido, e humildemente, a porta da cosinha. Passou a portella da muralha, que abria para os jardins e para o jogo da bola. Atravessou a rua de limoeiros que dividia os jardins e o pomar, onde docemente cantavam na sombra os repuxos e a agua das regas; ladeou a casa do cabanal e a eira que alvejava, toda caiada de fresco, sob a claridade das estrellas; e passando entre as abegoarias e a liça dos pagens, que desenrolava entre mastros enfeitados de bandeirolas a sua pista areada de saibro, sahiu por uma porta da alta estacada, que circumdava a quinta senhorial. Para além, eram vastos prados, pastagens descendo até ao rio, onde uma larga avenida d'olmos abrigava a cordoaria do castello. Um outro cerrado de sebe espinhosa cercava estas fartas dependencias ruraes, defendidas ainda por armadilhas para os lobos, vallas eriçadas de puas, e pequenas torres d'adobe onde ardia uma lanterna.

O bom lenhador passou esta sebe e metteu pelas azinhagas, a caminho da sua cabana, aninhada entre os pinheiros e faias á orla da floresta, que desde os soutos onde elle todo o dia trabalhara, vinha pelo interior das terras vestindo valle e monte.

Por entre os troncos dos pinheiros mansos, o largo rio alvejava em baixo, á claridade das estrellas. Os pyrilampos faiscavam na crista das sebes. Um aroma de madresilva adoçava o ar.

O bom lenhador atravessou, sobre uma ponte feita de troncos, um riacho que saltava entre rochas, onde os pagens da castellania vinham pescar as trutas. Um rouxinol cantava em baixo, entre a ramada dos choupos. Adiante havia uma cruz de pedra, coberta de hera, que tinha um braço partido. Piedosamente, o bom lenhador tirou o barrete. O seu coração simples, n'essa noite, sentia como um contentamento desacostumado. Ouvindo o sino do mosteiro, que nas collinas além do rio tocava a vesperas, murmurou uma Salve-Rainha, com uma devoção maior, certo que a Virgem o escutava, debruçada do ceu, toucada de todas aquellas estrellas que rebrilhavam mais que o ouro.

Já a distancia, sob o ceu pallido, se arredondavam os cimos dos arvoredos, onde se escondia a sua cabana. A mulher, a boa companheira, esperava por elle, fiando. Estugou o passo, — e subitamente, da sombra d'um chorão debruçado á beira do caminho, um moço d'olhos brilhantes como lumes, coberto com uma tunica branca, encostado a uma vara branca, parou diante d'elle e disse sorrindo:

—Entra contente na tua morada, que teu filho ha de ser um grande Santo!

(Excerpto do romance inédito, «S. Christovão») — Eça de Queiroz.

SEMPRE NOIVA

Estas duas palavras cuja significação é quasi antagonica, trazem-nos á imaginação, assim acolchetadas, a impressão d'algum drama sentimental, em que a habitual expectativa docemente transitoria, d'uma quasi-maridada, se vá protrahinho desoladoramente n'um noivado sem epilogo...

Ha palavras que assim conjunctas, quando designam localidades, monumentos ou ruas, evocam e suggerem vagas historias romanticas, que a nossa memoria relembra, ou a nossa phantasia compõe.

A *Triste-feia,* uma rua ali para o lado das Necessidades, que compaixão faz nascer em nós ao lembrarmo-nos que decerto o nome lhe veio d'alguma das suas habitadoras a quem a sorte madrasta recusou formosura!

E a sua feialdade ao ver as outras requestadas, bellas, joviaes, e felizes tel-a-hia, a ella desherdada do destino condemnado ao eterno isolamento, e á inconsolavel depressão moral que deu o nome á sua rua!

O becco do *Falla-só.*

Que curiosidade nos dá de saber o que seja esse monologo d'algum morador da viella obscura! Fallaria só por ser mais loquaz do que os visinhos, e os vencer no dar á lingua? Ou seria o seu fallar aquella *mânheira* quasi incomprehensivel dos illuminados, que fallam sósinhos, comsigo proprios, ou se dirigem a seres abstractos, a subjectividades que a sua phantasia creou? E que affinidades teria com o que deu o nome ao becco do *Imaginario?*

E a *Cova da Moura* junto á Pampulha, e abaixo da *Cova da Onça!* Como em nossa imaginação evoca as historias de mouras encantadas, as lendas graciosas ou tetricas de que estão povoados os nossos *legendarios*, os alfarrabios, e as tradições que se perpetuam á lareira.

E o enigmatico *Cata-que-farás,* de que já nos falla Fernão Lopes, que ficava não longe do actual Caes do Sodré, e que uma das nossas municipalidades ineptamente transformou em Travessa do Alecrim?

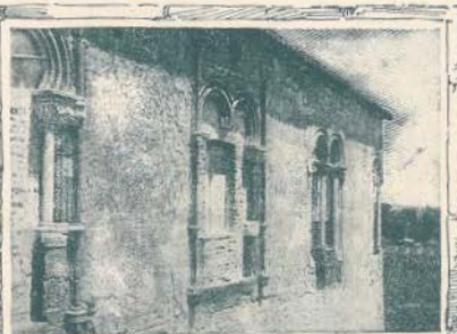
Cata-que-farás seria por ventura um proloquio, uma sentença, um velho rifão equivalente a: *Procura que has de achar—Prosegue que has de conseguir—Trabalha que has de vencer,* conselho dado talvez aos mareantes e navegadores que por ali embarcavam durante toda a epoca aurea das navegações, dos descobrimentos e das conquistas?

Cata-que-farás era decerto na sua ingenuidade rude um energico repelão, uma sacudidella salutar na mandrieira nacional... E os marinheiros que partiam iriam d'ali cantando:

> Partimos de Portugal
> Catar cura a nosso mal

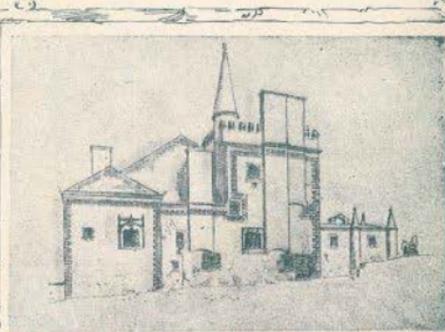
Ideias d'outra ordem nos suggere este titulo da *Sempre Noiva.*

Ninguem lê este nome que não tenha a impressão d'umas nupcias indefinidamente adiadas...

E' assim chamado um solar nobre situado entre Evora e Arrayollos. Antiquissimo, o pictoresco edificio «conta a sua

historia pela justaposição dos seus cunhaes». Assim se exprime o sr. Gabriel Pereira n'um pequeno artigo ha annos publicado nos *Serões*, e em que o erudito e sabio escriptor, rapidamente descreve o monumento, com a sua escadaria nobre, as suas elegantes janellas de marmore branco, as padieiras

*

No ultimo quartel do seculo XV vivia, ora em Lisboa ora em Evora, n'esse tempo um centro de elegancias e de erudição, D. Affonso de Portugal, filho unico do Marquez de Valença, neto de João I, e herdeiro pre-

em arco de ferradura á mourisca, semelhantes a algumas do Paço de Cintra, as chaminés de marmore das salas, os pequenos fogões, a capella ogival encostada á torre, e esta torre que é a parte mais antiga da construcção.

Foi no seculo XV que se edificou o pavimento principal, e foi, desde então, esta a nobre poisada da familia dos Vimiosos.

D. Beatriz de Portugal, a filha do Bispo de Evora D. Affonso, nunca casou.

Seria ella a *Sempre Noiva*, e daria por esse facto o nome á residencia, a que ficaria assim ligado um romance de amores infelizes? Ou esta designação nada terá com o celibato algo mysterioso da bella Beatriz?

O instincto poetico do povo, *o quid divinatorium* dos que sonham, tende a attribuir á fidalga habitação do ostentoso Bispo e de seus filhos uma lenda sentimental, e alguns prendem-na a um caso amoroso de D. Beatriz.

D'esta ideia pegou o malogrado escriptor Augusto Felippe Simões, e sobre ella architectou um romance, que não concluio.

E tambem essa hypotese não desagrada ao sr. Theophilo Braga, que admitte a historia como sendo passada com o hespanhol Gonçalo d'Ayola, o que adiante referiremos.

O romance do erudito archeologo d'Evora ficou interrompido, porque no decurso das suas investigações topou decerto com datas que, por fazerem resaltar um anachronismo, lhe abafaram a inspiração.

E o sr. Gabriel Pereira, o sabio compilador dos Estudos Eborenses, com uma data, a da instituição do vinculo, destruio parte da lenda.

Poderá porventura a chronologia conciliar-se com essa lenda? Vejamos.

sumptivo da casa de Bragança, por ser o primogenito do primeiro Duque e de sua mulher D. Brites Pereira, filha do Condestavel.

O Marquez de Valença, que tivera este filho de D. Beatriz de Sousa, morreu em 1460 sem legitimar D. Affonso, razão por que não podia herdar o ducado de Bragança.

Mas tendo seu primo o Duque D. Fernando sido degollado na praça de Evora em 1483, entraram n'elle as pretensões a succeder na casa, e porventura no throno a que subio mais tarde D. Manuel, filho da sua prima co-irmã D. Beatriz.

D. João II, que não via com bons olhos a ambição do primo Affonso, cortou-lhe as azas obrigando-o a ordenar-se. Obedeceu. Mas como ao tempo da sua ordenação elle tinha dous filhos e uma filha a quem muito queria, estabeleceu-se em Evora (de cuja diocesse foi nomeado Bispo) com a sua familia.

Era um bello typo de principe da Egreja, e quasi principe da Familia Real.

Conservava-se bem disposto, diz d'elle Filippe Simões, apesar dos seus sessenta annos.

Somente a gotta, que então começava a apoquental-o, obrigava-o a firmar-se n'um bordão em fórma de T que se nota no seu retrato, ainda hoje existente no cabido d'Evora.

Era de estatura mais que mediana. Os olhos castanhos e rasgados traduziam energia e desasombro. Tinha os beiços vermelhos. E as mãos brancas e pequenas pareciam de mulher. Por ser de seu natural resoluto e livre, e por ser de maneiras cavalleirosas parecia, fóra da cathedral, mais um grande fidalgo do que um antistite sagrado. Dir-se-hia até que não queria parecer bispo, senão no exercicio das suas funcções. Educado para militar, guardava, das

tendencias da mocidade, a altivez do porte. E na sua cadeira de prelado, com as vestes roçagantes, a mitra deslumbrante cravejada de pedras preciosas, tinha, empunhando o magestoso baculo, mais o aspecto de um general que segura a durindana gloriosa, que o de pastor de ovelhas apascentando com o seu cajado o rebanho.

No corpo da capella, cuja porta deitava para os campos, agglomeravase ó povo que accorria devoto a assistir ao officio divino, e respeitosamente curioso a aproveitar a occasião, que lhe era assim proporcionada, de vêr o Bispo, os seus filhos, os familiares, as dignidades ecclesiasticas, e a sua numerosa creadagem, entre a qual se contavam, alem de muitos oficiaes d'essa quasi côrte, alguns engenhos e homens de lettras que deixaram de si memoria.

Não era, comtudo, um máu bispo, e a sua actividade foi proveitosa para a diocese que gerio.

Senhor de vastos conhecimentos adquiridos na Universidade de Salamanca que frequentára, escreveu em latim: o *Tractatus peristilis de indulgentiis* — e o *Tractatus de numismate*.

Foi gande edificador, aliando, nos monumentos que erigio, o gosto architectonico á piedosa intenção de fundador de conventos. O convento de Santa Catharina de religiosas dominicanas, o do Paraiso, e o das Maltezas são obras suas.

Mas como amador de arte e antiguidades, espirito culto e rico proprietario, a obra em que poz todo o seu amor, o seu engenho, as suas aptidões, foi nas construcções com que enriqueceu e ampliou a sua propriedade nos suburbios de Evora.

Augmentou-a com o pavimento principal, adornou a fachada do andar nobre com as lindas janellas geminadas que ainda hoje ali se vêem recordar os esplendores quatrocentistas; poz-lhe no alto da escada a airosa varanda, ou eirado, em parte coberta com o alpendre sobre columnas de marmore; guarneceu as salas com altos roda-pés de azulejos verdes e brancos; forrou as paredes com preciosas tapeçarias; prodigalisou por todo o edificio objectos de arte, antiguidades, estatuas romanas (de que posteriormente teem apparecido vestigios por aquelles sitios); ladrilhou os pavimentos; adornou de caixotões os altos tectos dos salões e recamaras, e abrio sobre a bella capella ogival, encostada á antiga torre, uma tribuna onde elle, rodeiado de seus filhos, assistia á missa.

Era essa missa um espectaculo pictoresco e *sui generis*.

Foi um d'elles Gregorio Affonso, de quem ficou no *Cancioneiro geral* uma glosa a este mote:

> Quantos mas males poreo
> tanto mas vuestro me ves

e tambem uns *Arrenegos*, fórma satyrica de versejar, paremia rimada, muito usada n'esse tempo, da qual o proprio Gil Vicente algumas vezes lançou mão, e da qual usou tambem Ribeiro Chiado nos *Avisos para guardar*.

N'estes *Arrenegos* que *fez Gregoryo Affonso creado do Bispo d'Evora* pode encontrar, quem os quizer esmiuçar com attenção, alguns indicios para esboçar o retrato d'esse interessante domestico do poderoso Bispo, que apesar da natural sujeição a que o obrigava o seu estado, não poupava remoques que, embora lançados sem individualisar, attingiam com o seu *franc parler* e por vezes desenvolta linguagem, alguns dos que lhe estavam superiores, e muitos dos vicios do seu tempo. Arrenego, diz elle:

> Arrenego dos pastores
> que não olham por seu gado
> arrenego do gram estado
> e a renda quasi nada,
> arrenego da pousada
> em que ha mui pouca roupa
> renego tambem da pouca
> devoção que vejo aqui.
> renego que nunca li
> boas copias portuguezas.
> Renego da gram desordem
> que ha nos eclesiasticos,
> arrenego dos phantasticos
> e dos fracos regedores.
> ....

Em outros trechos apodando ridiculos e fraquezas diz elle:

> Renego das mui mundanas
> depois que já são dos trinta
>
> renego da que se enfeita
> tendo o marido cego

O primogenito D. Francisco de Portugal foi mais tarde o celebre conde de Vimioso, figura primacial na sua epocha, poeta palaciano, militar combatente e victorioso em Africa, vedor de Fazenda, e que, por suas qualidades de caracter, e intelligencia conceituosa, foi denominado o *Catão portuguez*.

> arrenego do velhaco
> e do peco cortezão
> renego do homem vão
> e dos mui presuntuosos,
> renego dos preguiçosos
> e dos cheios de perfumes
> renego dos mil costumes...

Estes *Arrenegos* correram impressos talvez ainda em vida do auctor, mas em todo o caso tiveram nomeiada, e entraram no cancioneiro de Garcia Rezende. Isto revella o gráu de intellectualidade nos creados de D. Affonso, dos quaes outro mais notavel ainda foi Affonso Alvarez, o auctor dos Autos populares, o competidor e emulo de Ribeiro Chiado.

Este Affonso Alvarez, mulato, que ao depois veio a ser mestre de ler e escrever em Lisboa, foi, no dizer de Barbosa Machado, um dos mais estimados creados do Bispo de Evora. Se não possuio o alto engenho de Gil Vicente, assemelha-se-lhe por vezes na fórma, e soube prender nos seus Autos o interesse do povo, que ainda ha pouco ouvia representar com agrado, nas granjas e pateos, algumas das suas obras. Da sua contenda poetica com o Chiado tirou o sr. Alberto Pimentel alguns dados para a biographia do depois celebre comediographo, apurando que elle exercera em Arronches funcções mais humildes que as de creado do Bispo, visto que fôra quasi escravo d'um tal Sequeira; que casara com a filha d'um albardeiro chamado Pedro Rombo; e que, rufião em Lisboa, vivia á custa das regateiras e rameiras da rua de S. Julião.

Pouco se conhece mais da sua vida. Na epocha, porem, a que nos referimos fazia, elle parte da ostentosa côrte de D. Affonso de Portugal que, na sua tribuna do solar a par de Evora, assistia á missa rodeiado de seus filhos.

Eram elles tres.

O segundo era D. Martinho de Portugal que foi depois, em tempos de D. João III, bispo de Vizeu, embaixador em Roma, Prior do Mosteiro de S. Jorge junto de Coimbra, arcebispo do Funchal, primaz das Indias, etc.

E a terceira que se entrevia mais adeante no canto da tribuna, curvada no genuflexorio tendo os cabellos loiros escondidos no véo era D. Beatriz, a gentil filha do Bispo, que nunca veio a casar, e que por isso o romancista fez heroina do episodio que teria dado ao palacio, em que ella vivia, que possuio, e que legou a seu sobrinho, o nome de *Sempre Noiva*.

Conjecturou o erudito escriptor que o Bispo D. Affonso impulsionado por suggestões de El-Rei D. Manuel prometteu sua filha em casamento a um hespanhol parente do inquisidor D. Diogo Deza, e que viera para Portugal na comitiva da Rainha D. Maria.

D'elle diz Gil Vicente: «andava então na côrte um Gonçalo d'Ayola, castelhano muito fallador, e medrava muito».

Suppõe o romancista que, n'uma caçada realisada nos campos d'Evora, um touro atacára a loira Beatriz, que o noivo castelhano possuido de medo não a defendera, e que, sahindo da espessura d'um arvoredo proximo, um desconhecido, corajoso, arrojado e valente salvára a linda rapariga que, (facil é de suppor), se apaixonára pelo seu mysterioso salvador. Era elle Martim Lourenço, um excentrico, que por sua indole extravagante e condição social não podia aspirar á mão da que tão alta estava em gerarchia.

O romance pára aqui. Mas não é difficil architetar o drama sentimental da nobre heroina que, repugnando-lhe ligar a existencia ao castelhano pouco sympathico, e não po-

dendo casar-se com o apaixonado Martim Lourenço se votára a um eterno celibato.

Porque interrompeu abruptamente a s[illegible]va o distincto archeologo?

Por um escrupulo de erudito que lhe não permittia, nem n'um romance, a sombra de um erro de chronologia.

de D. Francisca de Noronha. Esta senhora, que deu á propriedade a mais recente appelidação, poderia no seu testamento designar esta quinta pelo nôme de *Bacalhôa*, com que pela sua administração fôra baptisada.

Suppondo porem que não fosse a linda Beatriz que deu o nome de *Sem-*

pre Noiva a esta propriedade, porque lhe veio elle assim envolto na poesia do mysterio?

Consultando provavelmente os manuscriptos referentes á casa de Vimioso, manuscriptos que hoje se encontram na Bibliotheca Publica, onde os vimos e compulsámos na colleção pombalina, e verificando no tomo 196 pag. 1 v. a instituição do vinculo de D. Beatriz ao Conde de Vimioso D. Francisco de Portugal a 15 de junho de 1531, convenceu-se de que á data em que elle fixára o episodio esta propriedade já se chamaria a *Sempre Noiva*.

Effectivamente na Instituição do Morgado lê-se: «*Item* á sua quinta da Sempre Noiva que estaa no termo da cidade de Euora que parte de hua parte com a torre do Dajão herdade do Cabido, e da outra com a herdade que chamão pedra da missa etc...

Podiamos ainda aventar, em abono da possibilidade do romance e da origem da denominação referida ao celibato de D. Beatriz, a hypothese de ser ella propria quem, traduzindo um estado d'alma, e manifestando uma resolução, um voto de castidade, baptisasse no proprio documento official a propriedade que depois ficou a seu sobrinho com a denominação de *Sempre noiva*, querendo registrar assim o designio de não casar.

A este tempo já ella não era nova pois nascera bastantes annos antes de 1485, data da ordenação de seu Pae, e já podia ter tomado a resolução de ficar solteira até á sua morte, que veio a succeder em 1535. E chamando á sua propriedade a *Sempre Noiva* dar-lhe-hia um titulo de que ella propria se ufanava, e que teria assim uma significação como o teem os de algumas propriedades e povoações do paiz — *A Bem Canta—a Linda-a-Pastora—a Linda-a-Velha, a Boa Viagem* — a quinta da *Condestablessa*, que foi depois quinta do *Bacalhão*, e por ultimo da *Bacalhôa*, desde a administração

Talvez anterior ao seculo XVI, n'esse palacio se tivesse dado já algum episodio, que originasse aquella denominação. Effectivamente n'essa edificação pela qual se apaixonou o architecto allemão Haupt que, na sua obra ácerca da Renascença em Portugal, descreve largamente, e até apresenta a ideia de uma restauração (tão grande encanto lhe acha pela sinceridade com que o monumento revela a sua evolução architectonica desde a torre da edade media até ao solar quinhentista), esse edificio pela sua antiguidade pode porventura ter abrigado a desolada sentimentalidade d'uma outra *sempre noiva*, cuja existencia é bem plausivel no nosso romantico Portugal da *meia edade* tão fertil em dramas ou tragedias que enchem os nobiliarios e as chronicas.

Para explicar o nome do solar alemtejano dá alguem noticia d'uma aldêa, que em tempo remoto existiria n'aquella localidade com a designação de *Sempre Nova*. E o povo insensivelmente teria teria transformado este nome, romantisando-o.

Por seu lado o sr. Gabriel Pereira diz que *sempre noiva* é o nome d'uma planta rustica da familia das polygoneas, chamada pelos latinos *centinodia* e que um philologo de muita auctoridade diz que *sempre noiva* pode ser corrupção popular d'esse nome latino. Acrescenta mais que esta planta conhecida por *sanguinha* e *sempre viva* abunda por aquelles sitios.

Que devemos pensar?

Que é sempre bom que haja poetas que sonhem e nos façam sonhar. E que é bom que haja sabios e eruditos que nos façam aprender.

CONDE DE SABUGOSA.

FLORES DE ROMA

O «FORUM» ROMANO — O COLYSEU E O ARCO DE TITO VISTOS DO MONTE PALATINO

Havia mais de dois mezes que eu me achava em Roma contentissimo.

Não quero dizer que Roma baste, de per si só, para saciar todas as voluptuosidades de estudo no espirito de um velho artista, que continua viajando ainda, como se diz que viajam os rapazes,— para completar a sua educação.

Este vivo compendio de historia e d'arte tem lacunas, que uma curiosidade methodica obriga a preencher na relativa indigencia d'outros logares.

Assim, toda a elaboração artista que no Egypto, na Assyria, na Caldeia, precedeu o maravilhoso desabrochamento lapidar da Grecia, não é em Roma que se vê, antes, por exemplo, no Louvre, principiando pelo mysterioso calcario vermelho do *Escriba sentado no chão*, ou, desde o anno passado, pela *Stela do Rei Serpente*, que recentemente veiu d'Abydos e é cinco seculos mais antiga que as Pyramides.

A mesma estatuaria grega, com o desenvolvimento das suas bifurcações, etrusca e romana, esplendor dos incomparaveis museus do Vaticano, do Capitolio, de S. Giovanni in Laterano, da Villa Albani, da Villa Borghese e das Thermas de Diocleciano, não apresenta aqui a serie integral das suas successivas fases, apparecendo como fenomeno inexplicavel a quem não tiver seguido as manifestações iniciaes e evolutivas da escola em Paestum, no museu de Palermo, onde se conservam as metopes de Salinunte, nas ruinas de Segesto e d'Agrigente, nos theatros gregos da Sicilia, nas lathomias de Siracusa. Das obras de stilo hieratico, anteriores a Phidias e a Lysippo, só ha em Roma, a bem dizer, um documento, o baixo-relevo da Leucothea da villa Albani.

Na arte christã de Roma, falha analoga á da arte hellenica, mas em diversa ordem chronologica. As origens estão profusamente indicadas nas catacumbas, nas cryptas e nas primeiras basilicas reconstruidas sobre as basilicas pagãs pela legislação de Constantino e de Honorio até os seculos IV e V. Depois d'isso Roma só recomeça a construir na Renascença, e, dentro da Italia, é a Revenna, a Veneza, a Palermo, a Monreale que é preciso ir estudar a consideravel influencia do bysantinismo em todos os stilos da edade media.

As maravilhas da epoca ogival acham-se em Paris, em Amiens, na ilha de França emfim e nas regiões limitrophes. Em Roma, um unico e solitario vestigio, em Santa Maria Sopra Ninerva, d'esse gothico-francez, que, depois do stilo grego, é o unico original na arte de construir e na de transmitir ao lavôr architectural da pedra a expressão de um ideal.

A culminante e fecunda importancia esthethica dos fresquistas e dos primitivos pintores

do seculo XIV e do seculo XV tão pouco chegam a comprehendel-a em Roma os que anteriormente não tiverem visto Giotto na arena de Padua, onde elle expoz os prodromos de toda a pintura moderna, segundo esse *dolce stil nuovo* de que necessariamente lhe fallaria o seu aconselhador, companheiro e glorioso amigo Dante Alighieri; e depois de Giotto, Benozzo Gozzoli no Campo Santo de Pisa e no Palacio Ricardi em Florença; Mantegna nos Eremitani de Padua; Piero de la Francesca no côro de S. Francisco em Arezzo; Ghirlandajo em Santa Maria Novella de Florença; o Perugino no *Cambio* de Perusa; e finalmente os incomparaveis flamengos Van Eyck em Gand e em Bruxellas, Memling em Bruges, Quintin Metsys em Anvers, Gerard David no archiepiscopado d'Evora.

O seculo XVII é em Roma o dominio restricto de Bernini, do stilo barôco, das monumentaes escadarias imitadas da escada regia do Vaticano, das enfaticas fachadas abalaus-

A CASA DE LIVIA, MÃE DE TIBERIO, NO MONTE PALATINO

tradas, das sumptuosas fontes tão particularmente gratas ao presidente de Brosses, e dos mais bellos jardins da Europa. Na pintura porem os maneiristas do tempo não puderam com os pinceis de Rafael, de Miguel Angelo e de Leonardo de Vinci.

A herança gloriosa da Renascença passa da Italia á Belgica, á Hollanda e á Hespanha. Em Roma o poderoso retrato do papa Pamphili Innocencio X, por Velasquez, na galeria Doria, deslumbra pelo seu esplendor unico, entenebrecendo tudo em torno d'elle, e sepultando na penumbra quanto a pintura romana produziu vinte annos antes e vinte annos depois d'esse fulgurante e exotico fenomeno de luz, de côr e de vida. Os legitimos herdeiros dos ultimos grandes venesianos Ticiano e Paulo Veronez — bem o diz Burckardt — são Rubens, Van Dick, Rembrandt e Velasquez. No crepusculo italiano dos seculos XVII e XVIII apenas a nossos olhos tremeluz de uma solitaria e cariciante claridade argentea a individualidade de Tiepolo.

Durante o seculo XVIII é a França que empunha o facho da pintura, e só a Inglaterra o disputa.

Com todas essas e outras mais leves restricções Roma porem, tendo por origem sobre as mais profundas estratificações das edades mudas, o antro lupercal em que a lôba da lenda amamentou Romulo, e a *urbs quadrata* por elle riscada com um ferro d'arado no monte Palatino ha vinte e oito seculos, Roma, a sempiterna Roma, encerra ainda de toda a evolução do espirito humano a mais vasta documentação historica e artistica que tem o mundo. De Roma, segundo a bôa synthese rotundamente latina de Castelar, nos vieram as fundações iniciaes de toda a civilisação em que vivemos: ella nos deu a jurisprudencia com os pretores, o municipio com os proconsules, a liberdade com os tribunos, a auctoridade com os cesares, a religião com os pontifices. Ella é emfim, apesar de todas as attenuações postas pela critica aos ardores da oratoria, a mais perene fonte de informação relativa á historia da cultura e do poder mental da humanidade.

De sorte que em nenhuma outra parte mais amplamente se saborêa o melhor de todos os prazeres inherentes ao instinto da nossa especie — o prazer de aprender. — Tornei a nascer desde que principiei a viver em Roma — confessa Goethe.

Outro especial predicado da cidade eterna é o cosmopolitismo, que no seu tepido e

luminoso ambiente se respira, dando aos viajantes de todo o mundo que ahi se reunem a sensação egualitaria e fraternisadôra de que esta é em verdade a patria espiritual de toda a gente, a casa paterna do genero humano.

De seculo para seculo, atravez de todas as vicissitudes da politica e de todas as evoluções do progresso, sobre successivas e sobrepostas ruinas de todas as caducidades, Roma continua a exercer nos homens o mesmo invasivo sortilegio, a mesma carinhosa atração que tinha na antiguidade. Esse attributo da captivante atmosphera das sete colinas celebram-o ainda hoje todos os escritores viajantes do nosso tempo, como no seculo d'Augusto o consignaram Cicero, Juvenal, Marcial e Horacio, todos os grandes emigrados nostalgicos do Forum e do Esquilino. *La joie de vivre* é a versão parisiense da antiga formula romana *Vivere lubet*. Assim como Madame de Staël, emigrada na Suissa, antepunha á consagrada

AS RUINAS DO TEMPLO DE SATURNO E O «FORUM», VISTOS DO TABULARIO

belleza do lago Leman o seu *ruisseau de la rue du Bac,* assim Claudia, a mulher do poeta Publio Estacio, no tempo do imperador Domiciano, preferia ao golfo de Napoles, visto saudosamente em todo o seu encanto dos jardins de Pausilipo, o sordido enxurro d'uma viella romana.

Presentemente a existencia de duas côrtes, duplicando o numero dos representantes diplomaticos de todos os paizes, determina aqui uma especial facilidade de convivencia e de intimidadade social. O prisma protocolar que distingue entre *brancos* e *negros* os diplomatas do Quirinal e do Vaticano, obstando á reunião de uns e d'outros n'um *cercle* commum, provoca a habitual reunião de todos em territorios extra-officiaes e neutros, mais facilmente accessiveis aos viajantes, como o *hall* dos grandes hoteis, o salão dos restaurantes á moda, e o lindo *thea-room* do Corso. Só jantam e tomam chá nos respectivos palacios — *leur grandeur les retenant au rivage* — os embaixadores e os chefes de missão. Fóra dos monumentos, do recinto das ruinas das galerias d'arte, é pelos *rocking chairs*, sob as palmeiras dos jardins d'inverno, em torno das mezas floridas dos grandes restaurantes, que successivamente perpassam em cada estação, com mais intensidade que pela Haute Angadine no verão, e no inverno por Nice, por Monte-Carlo, pela Sicilia e pelo Cairo, os viajantes, os romeiros e os peregrinos das cinco partes do mundo, a quem os representantes diplomaticos dos correlativos paizes prestam o amavel serviço das apresentações reciprocas entre os do Almanach de Gotha e os da Encyclopedia Larousse.

O tão modesto quanto elegante *thea room* do Corso, ripolinisado a branco, em stilo Imperio, com os seus *brise-bises* de renda e as suas claras vitrines esverdeadas, com bibelots antigos, é cumulativamente uma sympathica instituição de beneficencia. Intitula-se *Carità e Lavoro*, e destina os seus lucros a proporcionar trabalho e protecção ás raparigas pobres. Para manter vivo o seu prestigio de selecta elegancia familiar, frequentam assiduamente este curioso estabelecimento, entre as cinco e as sete horas da tarde, alem das suas damas padroeiras, as mais elegantes senhoras da sociedade romana. Inutil acrescentar que, com tão rara decoração humana, o chá do Corso, anuviado de uma colher de creme e servido caseiramente, com uma fatia de pão torrado, sobre um prato de Savona, por uma Columbina de

avental e touca, era, ha cinco annos, o maná dos touristes na cidade augusta das elegancias, onde, de resto, o tradicional espirito de hospitalidade aristocratica se acha exuberantemente consagrado pela acumulação unica dos mais sumptuosos palacios — Barberini, Pamphili, Ludovisi, Rospigliosi, Chigi, Altieri, Albani, Odescalchi, Borghese, Colona... Quantos mais!

A defrontação dentro do mesmo povoado de duas auctoridades adversas, de dois poderes antinomicos, como o do Papa e o do Rei de Italia, produz no publico romano o mais singular respeito pela opinião alheia, um profundo espirito de tolerancia, a que já Stendha chamava uma *prudente polidez*, n'uma palavra — a mais perfeita comprehensão e o mais nobre exercicio da liberdade individual. Como exemplificação, duas breves anecdotas da minha estada em Roma:

O ARCO TRIUMPHAL DE SEPTIMO SEVERO NA VIA SACRA

Um dia n'uma das paragens dos tramways, na Praça de Veneza, um conductor, respondendo grosseiramente a um sacerdote que lhe pedira uma indicação de itinerario, teve uma frase ambigua a respeito da convivencia do eclesiastico com duas senhoras que o acompanhavam. Um sujeito alto, corpolento, de bigodes grisalhos, assistindo ao dialogo da plataforma de uma das carroagens, apeou-se, agarrou por um braço o conductor, e disse-lhe: — «Peça perdão a esse senhor». O conductor, vigorosamente sacudido, murmurou submissamente: — *Scusi*. Ao sacerdote, que se descobrira, o dos bigodes grisalhos accrescentou: — Não me agradeça, porque eu não gosto de padres; mas sou garibaldino, defendi com as armas na mão, e defendo ainda, desarmado, quando a occasião se offerece, a liberdade que assiste a cada um de ter em religião as ideias que quizer, e não tolero que na minha presença alguem falte ao respeito a um cidadão que a circumstancia de vestir uma batina inibe de esbofetear quem o insulte.»

De outra vez, tendo regressado de Frascati n'um domingo ao anoitecer, e descendo em tramway a Via Nazionale, presenciei uma descompostura dada por um passageiro a um frade capucho, que humildemente lhe pedia perdão de, contra sua vontade, o ter empurrado ao entrar no trem. Outro passageiro, acompanhando uma joven senhora, que como eu voltava de Frascati trazendo no regaço um grande ramo de rosas, chamou o conductor e disse-lhe serenamente: — «Queira mandar apear este senhor que está insultando um frade.» O conductor puxou a campainha, a carroagem parou, e com o tacito assentimento geral (a carroagem vinha cheia) o que descompunha o frade sahiu.

Deliciado de viver, sentindo a cada hora vir do meu coração á bocca a linda exclamação que atravez dos maiores infortunios mais frequentemente repete a dôce lingua do povo italiano — *Dio, com'è bello!* — eu percorria de manhã os museus e as bibliothecas, visitava os monumentos de tarde, e reunia-me á noite com os meus amigos. Deleitosa distribuição de tempo, que a sabedoria de Horacio aprovaria. Baldado porém todo o proposito de seguir

systematicamente os meus estudos coordenando-os cronologicamente, como deve ser, pelas fórmas capitaes, atravez das grandes edades da arte.

O que tinha em memoria dos meus conhecimentos da antiguidade grega e latina e da antiguidade christã percebi que era insuficiente para me auctorisar a passear decentemente, em contacto com pessoas cultas, na cidade dos Cezares e dos Papas. Então comprehendi uma phrase de Renan: *Qu' on aime à voyager n'étant pas très instruit voilà ce qui me dépasse*. Assim, alem dos meus catalogos e dos meus guias de algibeira, como Burckardt, Helbig, Gaston Boissier, tinha de folhear Suetonio e Plutarco, Horacio e Marcial, Fustel de Coulanges, *Les origines du Christianisme* de Renan, a *Roma Sotterrata* de Rossi, e numerosas monographias italianas, não só para me entender com o que via, mas ainda para poder conversar a esse respeito quando me convidassem para jantar com gente aperfeiçoada, que é em Roma a mais aperfeiçoada gente do mundo.

Essas mesmas leituras eram ainda para mim um dos prazeres, um perfume de Roma como diria Veuillot. Fazia-as na varanda do meu quarto sobre o Corso, ou no parque da Villa Borghese, na Passeggiata Margherita, no terraço imcomparavel de S. Pietro in Montorio, na encosta do Janiculo, donde Gabriel d'Annunzio mandou ir para Veneza os louros com que cobriu o cadaver de Wagner.

De resto, ainda que um tanto baralhadamente, como confesso, ia conhecendo Roma. Na companhia do meu amigo Monteverde tinha percorrido o agro romano, rodando em charrette, ao trote de uma egua ingleza por cima das mesmas pedras por onde haviam marchado a caminho do Capitolio as antigas legiões victoriosas fazendo cortejo ao carro inteiriço dos

AS METOPES DE SELINUNTE

Cesares triumphadores, seguidos de heroes vencidos como Jugurtha ou Vercingetorix, que, ao cabo do dia glorioso em que eram expostos manietados aos apupos da plebe, iam morrer supliciados na prisão Mamertina. Tinha visto do paredão do Pincio esconder-se o sol n'um poalho de ouro por detraz da cupula esbraseada de S. Pedro, no mesmo logar e á mesma hora em que a romanesca Maria Bashkirtsef queria que antes de casar o seu noivo lhe fosse repetir que a amava. Tinha estado na tribuna rostrada donde Marco Aurelio, Septimo Severo e Trajano expunham ao povo a historia dos seus feitos. Graças ás sabias escavações modernas, gloria da archeologia do nosso tempo, que descobriu e poz a nu toda a periferia primitiva do forum romano, fui pela Via Sacra fóra, como Garrett queria ir, levando na algibeira o meu Horacio marcado na satyra *Ibam fortiter*... Penetrei na basilica Julia, na basilica de Constantino, no atrio das Vestaes, nos derrocados templos de Jupiter, da Concordia, dos Deuses Consentes, no de Antonino e de Faustina, nos de Vespasiano e d'Augusto. Tive debaixo dos meus sapatos o ponto umbelical da geographia antiga, o breve espaço preciso em que esteve o marco de ouro, a que conduziam e vinham ter os marcos miliares de todos os caminhos do mundo. Subi ao Palatino, estive na linda casa de Livia, e percorri o sombrio cryptoportico do palacio dos Cezares, por cujo pavimento correu em jorros o sangue de Caligula, que o tribuno Cassio Cherea com poucos dos seus amigos, ao grito de

A GALERIA DE QUADROS DO PALACIO COLONNA

conjura *Repete!* como n'um assalto corpo a corpo ao javardo ou ao tigre, crivaram de punhaladas. Suetonio accrescenta um pormenor: *Quidam etiam per obscoena ferrum adjerunt.* Tinha ido de dia e voltado de noite ao enorme, incomparavel, monumento levantado á grandeza e á perversidade de Roma pelo trabalho de um milhão de captivos; tinha visto á luz do sol e á luz da lua o tremendo Coliseu, onde, ao tempo da viagem de Lady Morgan, havia uma alta cruz alçada ao centro da arena, havia altares em roda, e ahi se ouvia missa de manhã, se davam entrevistas d'amor á noite, *per amica silentia lunae*, e se ia dançar a ultima quadrilha dos bailes da princeza Borghese, da duqueza de Devonshire, do conde de Marlemont; e d'esse recente passado, correspondente aos ultimos annos da administração pontificia, uma unica pena tive: a de que haja desapparecido a cruz alta, flor natural d'esse terreno conformado pela aluvião do sangue de tantos milhares de martyres, flôr de piedade humana, flôr de saudade, flôr de historia emfim, independente a meu vêr de toda a revogada idolatria de seita. Tinha visto ainda, primeiro a humildade das catacumbas de S. Calixto, depois o esplendor da Capella Sixtina, considerando como entre esses dois polos girara em progressiva ascenção toda a psychologia da arte christã, toda a nova maneira de comprehender a vida e o universo em contraposição da maneira antiga.

♣

Taes eram as minhas suaves occupações e o meu aprazivel estado d'alma quando, inesperadamente, almoçando uma manhã no recolhido hospicio de Santo Antonio dos Portuguezes, O'Connor Martins, meu querido amigo, secretario de embaixada, n'esse tempo Encarregado de Negocios junto da Santa Sé, abruptamente me disse: — «Saberá que solicitei hontem de Sua Eminencia o Cardeal Rampola uma audiencia particular de Sua Santidade para você.» A minha surpreza foi tão grande como se as sybilas e os profetas do Juizo Final de Miguel Angelo acabassem de me annunciar que o proprio Padre Eterno me mandava chamar. Podia lá ser! Eu, velho filho do seculo, ferrugento racionalista, pobre peccador, discipulo, no ultimo banco, de Spinosa, de Darwin, de Littré, d'Auguste Comte, de Renan, antigo enthusiasta de Byron, d'Hugo, de Carlyle, de Proudhon, de Michelet, de Ruskin, ser assim recebido na paternal intimidade do Santuario, pelo successor de S. Pedro, pelo Vigario de Christo, figurava-se-me a mais inverosimil anomalia, parecendo tacitamente en-

ASPECTOS DOS JARDINS DE ROMA — *(Villa Doria e Borghèse)*

volver da minha parte uma deturpção de identidade, uma dissimulação de pessoa, quasi uma insidia. E assim o objectei ao meu amigo. Seria preciso para descargo de minha consciencia que de nenhum modo pudesse ser indusido em erro Sua Eminencia o Cardeal Rampola. Então, n'um quarto de papel, tão veridicamente como no mais sincero fervor da fé o poderia dizer n'um dos confissionarios polyglotas do braço esquerdo do transepto da egreja de S. Pedro, eu escrevi, o mais laconicamente que pude, a historia summaria da minha obra de antigo pamphletario, sem tentar atenual-a pela contrição de qualquer pecado que n'ella se contenha, a não ser o da sua condenavel imperfeição artistica. Martins, colossal de bondade, italianissimo de destreza e d'argucia diplomatica, encarregou-se de expôr ao secretario d'estado de Sua Santidade a substancia d'esse escrito, breve exame de consciencia e sucinta confissão geral de um espirito curioso, dolorido e incerto, n'esse momento afligido pelo escrupulo de poder ser tido por uma alma piedosa e candida.

ARCO TRIUMPHAL DE TITO NA VIA SACRA

Uma vez assim fundamentada a expontanea e tão obsequiosa petição do meu amigo junto do Sacro Collegio, eu principiei pela primeira vez desde que chegára a Roma a pensar no Papa, medindo todo o abismo de ignorancia que me separava d'elle. Na imprevista perspectiva de me poder achar frente a frente com uma tão alta individualidade como a do Santo Padre, parecia-me ridiculamente vergonhoso que eu o conhecesse quasi tão pouco a elle quão pouco elle proprio me conheceria a mim. Tratei de instruir-me. Não havendo então (não sei se existe já) uma especial monographia referida á historia do pontificado de Leão XIII, tive de recorrer a elementos dispersos, entre os quaes, principalmente, as eruditas memorias da escola dos archeologos francezes em Roma.

Principiei por lêr as Encyclicas que, humilhadamente o confesso, não lêra nunca, bem como tão pouco lêra as precedentes pastoraes de monsenhor Pecci, quando arcebispo de Perusa, ácerca da «Egreja e da Civilisação.» Estas cartas achavam-se reproduzidas em apendice ao livro *La question réligieuse*, de Isaac Pereire, o conhecido banqueiro francez, neto do judeu portuguez Jacob Rodrigues Pereira, creador do primeiro instituto de surdos-murdos em França, no tempo de Luiz XV. Eis o resumido sentido das notas que a esse tempo colligi.

♣

Leão XIII foi paralelamente com o principe de Kropotkine (curiosa aproximação) um dos dois escritores que mais nitidamente perceberam o erro fundamental da doutrina de Darwin, ou antes dos primeiros discipulos e continuadores de Darwin, dando por agente principal da conservação e do desenvolvimento das especies o esforço individual na luta pela vida, enunciando o dogma cruel do *struggle-for-life*. Leão XIII e Kropotkine comprehenderam n'um clarão de consoladora e reconfortante evidencia que a especie unicamente vinga e prevalece não pelo feroz impulso da combatividade, mas pelo meigo instincto do associamento e da unificação dos individuos, como se dá não só com as humildes formigas e com as frageis abelhas, mas com os mais possantes e ferozes dos carnivoros, sempre que elles

se encontram em supremo conflicto com a destructiva hostilidade da concorrencia. Da fecunda comprehensão d'essa verdade inicial applicada ao destino do agregado humano resulta a intervenção do principio da simpathia e da solidariedade como regra immutavel da ordem social.

Na declaração dos Direitos do Homem, alicerce de toda a constituição politica do mundo moderno, a soberania do individuo, seductoramente proclamada como inviolavel, desaparece na esfera do seu funcionamento pratico, irremissivelmente aniquilada pela monstruosa tyrania das maiorias democraticas, sophisticamente legalisada pelo inevitavel conluio dos fortes contra os fracos, dos ricos contra os pobres, dos soberbos contra os humildes. D'esta consideravel e manifesta falha na solução dada pela revolução franceza ao problema da liberdade nasceu o culminante phenomeno dos nossos dias, o advento da *questão social*, que abala o mundo, mobilisando um enorme pessoal, revolto, confuso, heterogeneo, composto desagregadamente de crentes e de descridos, de proselitos e de revoltados, — individualistas, collectivistas, oportunistas, communistas, anarchistas e nihilistas. E' sobre os diversos e complicados aspectos d'este formidavel movimento que mais ou menos directamente incidem as encyclicas de Leão XIII.

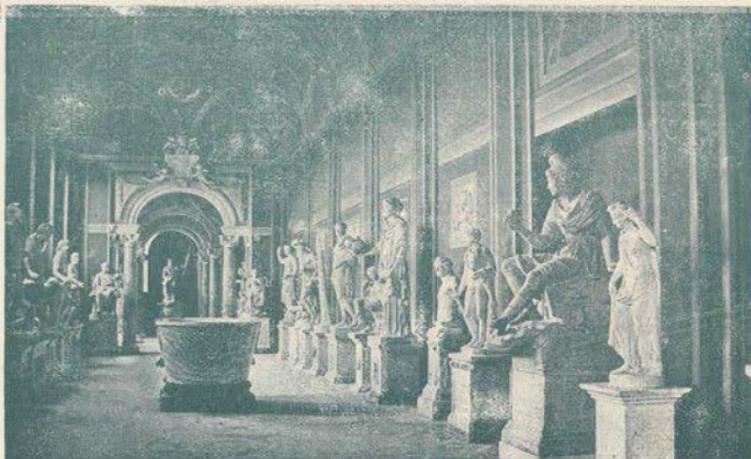
A primeira, de 1881, *Diuturnum*, tem por objecto a questão da preeminencia politica. Em 1883, *Immortale Dei* trata da constituição dos estados. Em 1888, *Libertas* prescreve os deveres dos cidadãos. Em 1889, *Rerum novarum* occupa-se da condição das classes trabalhadoras, e encerra o exame mais lucido e a solução mais perfeita a que, a esse tempo, tinha dado

MINERVA POLYADES—*(Museu do Vaticano)*

VENUS DE PROXITELE—*(Museu do Vaticano)*

ANTINUS BRASCHI—*(Museu do Vaticano)*

origem o phenomeno da miseria do trabalho nas suas relações com a exploração do capital. Tomando por base fundamental a doutrina de S. Thomaz, que considera indispensavel a intervenção da auctoridade no equilibrio da justiça, o Papa julga obrigatoria a acção dos poderes publicos sobre os contractos que regem as relações de operarios e de patrões, cumprindo assim o dever social de soccorrer o fraco contra a prepotencia do forte, emquanto, segundo os votos do pontifice, uma organisação internacional do trabalho em todo o mundo (porque todo o trabalho é solidario no universo) não estabeleça a justa ligação economica do obreiro com a obra, da vida do official com a vida do officio.

Não é este o logar de tentar expor integralmente a doutrina da encyclica a que me refiro. Para dar uma ideia da enorme repercussão que ella teve em todos os grandes centros operarios da Europa e da America bastará dizer que nas grandes reuniões plenarias em que os trabalhadores procuram um accordo sobre a solução do seu destino, a *Sumula* de S. Thomaz passou a ser invocada em contraposição á deficiencia da legislação democratica. No congresso operario de Bienne uma assemblea inteira, composta de um pequeno numero de catholicos com uma enorme maioria de materialistas, de indifferentes e de protestantes, affirma unanimemente que a encyclica *Rerum novarum* é a expressão authentica das aspirações da democracia contemporanea. Assim o papado, sob o pontificado de Leão XIII reata o criterio da sua missão na tradicção dos seus mais gloriosos principios, e recorda o momen-

VATICANO—GALERIA DAS ESTATUAS

to historico em que a egreja da edade media salvou a civilisação como unica força subjugadôra da anarchia dos estados.

Na administração interna do Vaticano o papel de Leão XIII não é menos glorioso que nas suas relações externas com a christandade. Tendo a simplicidade apostolica e o fervor de catechese dos primitivos pontifices desde o tempo de Constantino até o de Carlos Magno, como Leão e Gregorio, os grandes, Leão XIII soube accumular com essas virtudes as prendas de erudito humanista e o acrisolado amor das letras e das artes com que os Borgias e os Medicis conseguiram perante a civilisação temporal resgatar tantos dos erros e dos vicios fulminados por Savanarola e por Luthero. Aos mais proximos dos seus predecessores, Clemente XIV, Pio VII, Leão XII, Gregorio XVI e Pio IX (1769-1869), deve Roma as suas principaes instituições de archeologia e d'arte. Clemente XIV funda a collecção vaticana nas bases em que ella presentemente se encontra, creando o grande museu Pio Clemente, enriquecido com o sarcophago encontrado em 1780 no tumulo dos Scipiões da Via Appia, e bem assim o museu das medalhas e das moedas pontificias. Pio VII cria a Pinacotheca Vaticana, abre a galeria lapidar das inscripções, e para recolher os novos marmores das escavações de Roma e da Campania em 1803, manda construir a sala do Braccio Nuovo, e procede pela mais sabia medida administrativa ao cadastro da riqueza artistica espalhada por todas as colecções de Roma. Leão XII emprehende as escavações do Circo Maxencio e do Forum, e realisa a consolidação do Coliseu e a reconstrução admiravel de S. Paolo Fuori le Mura. Gregorio XVI cria o museu profano de Latrão, e estabelece no Vaticano o museu etrusco. Pio IX emfim faz de novo explorar as catacumbas pelo sabio Rossi, que lhe descobre a crypta do cemiterio de S. Calixto onde jaziam os papas do seculo XIII, assim como aquella em que fôra sepultada Santa Cecilia. Os trabalhos de João Baptista Rossi, sempre favorecidos pela proteção enternecida e enthusiastica de Pio IX, são uma das mais fulgidas glorias não só do pontificado do seu eminente amigo mas da sciencia archeologica da Italia e do mundo moderno.

Com os derradeiros annos do pontificado de Pio IX e com o advento de Leão XIII (1870-1878) coincide o facto politico da unificação da Italia e da perda connexa da soberania de Roma para o papado. Leão XIII é o primeiro da sua hierarchia que cinge a tiara não tendo por estados pontificios mais que a estancia do Vaticano, onde a estatua

AUGUSTO MOÇO
(Museu do Vaticano)

UMA DAS JOIAS DO MUSEU DO VATICANO

JUNO
(Museu da Villa Ludovisi)

A SALA DOS CENTAUROS NO MUSEU DO CAPITOLIO

de Garibaldi, do alto do Janiculo, o fita victoriosamente como eterno prisioneiro da *Italia irredenta*.

Esta radical transformação nas condições do papado sagrava singularmente para Leão XIII a dificuldade de pôr a sua obra em competencia com a dos pontifices que imediatamente o precederam. Á essa dificuldade opõe Joachin Pecci, de Carpineto, a rara energia da sua alma. O mesmo portão de bronze, que a gendarmaria do rei de Italia lhe não permitte abrir para fóra sobre a governação de Roma, abre-o elle para dentro, de par em par, aos estudiosos e aos pensadores de todo o mundo, creando o mais vasto governo do espirito que é dado abranger ao poder humano. Por tal modo elle funda uma soberania nova, a da sciencia, um templo improfanavel, o das letras, um capitolio sobranceiro a todos os attentados da politica e da guerra, o da arte.

Na basilica de Latrão, de cujo acesso o seu captiveiro o exclue para sempre, elle emprehende e leva a cabo, sob sua inspiração, ainda que sem nunca a ver, a admiravel restauração que eleva este monumento pontifical á magnitude dos primeiros. Ao bairro Prati di Castello, onde o novo governo, por meio da edificação dos quarteis militares, tirara ao morador do Vaticano a vista insinuante e acariciadora da corrente do Tibre, elle offerece a edificação de uma egreja consagrada ao Santo do seu nome. No museu do Vaticano completa a obra da Galeria dos Candelabros, e revela ao publico, emoldurados na delicada restauração dos apartamentos Borgia, os rutilantes frescos de Pinturicchio.

A profunda e vasta reforma da livraria vaticana é porem, a meu ver, a obra capital da gerencia de Leão XIII.

A biblioteca apostolica havia sido desde o seu inicio, atravez das primeiras invasões de Roma, em frente de Alarico e deante d'Attila, o paladio das letras, o sagrado scrinio das joias do pensamento. Sob o pontificado de Nicolau V, seu fundador, de Xisto IV, de Clemente XI e de Benedicto XIV a bibliotheca dos papas era o deposito das mais preciosas reliquias da litteratura grega e latina, e tornara-se o archivo mais copioso de toda a sciencia christã, martyrologios, evangeliarios, apologias, collecções de decretaes, tratados dogmaticos, canonicos e liturgicos, estudos de patristica, d'exegese e de historia. D'esse foco sahiram no seculo VI e no seculo VII as primeiras claridades da cultura anglo-saxonia e da cultura germanica na edade media, alfobre de toda a erudição moderna. O grande thesouro pela primeira vez tão calamitosamente disperso pela perseguição de Diocleciano, depois reconstituido com irreparaveis lacunas pelo papa S. Damaso e pelo seu secretario S. Gregorio, em seguida tantas vezes truncado pela acção dos homens e pela do tempo especialmente fatal á fragil tenuidade dos papyrus, constantemente desenvolvido por successivas aquisições novas, toma emfim no pontificado de Leão XIII uma importancia que jamais attingir·. Leão XIII decreta em 1888 o novo regulamento, que representa a abertura de uma era nova para o saber contemporaneo. Estabelece novas salas de estudo em que coordena perto de trez mil volumes, e por baixo da galeria de Xisto V cria uma bibliotheca nova com duzentos e cincoenta mil volumes em oito salas a que preside uma estatua de S. Thomaz. Ordena a organisação e a publicação integral dos catalogos, hoje em grande parte editados, compreendendo os impressos, os manuscritos gregos e latinos e os papyrus egypcios do Vaticano. Por occasião da liquidação Borghese, em 1891, adquire trezentos e setenta manuscriptos em que o padre Ehrl reconhecera importantes documentos provenientes da livraria pontificia d'Avignon. Ao pessoal antigo da Bibliotheca — o cardeal bibliothecario, os dois prefeitos e o grupo especial dos *scriptores*, que não só interpretam mas elles mesmos escrevem, como o seu nome indica, o latim, o grego, o hebraico, o japonez, o chim e as demais linguas orientaes — Leão XIII agrega uma commissão superior destinada a desencarregar os sabios, os escritores, os investigadores, dos trabalhos de administração e de bi-

bliotheconomia. Dá ao museu christão um prefeito autonomo, e escolhe para o exercicio d'esse cargo o archeologo Rossi. São ainda da mais alta importancia para a bibliographia, para a philologia, para a historia e para as bellas-letras, as publicações que elle promove e que durante o seu pontificado se effectuam: as eruditas memorias jubilares de 1887 e 1893, tendo por objecto a bibliotheca apostolica, sob a colaboração collectiva de todos os *scriptores;* a grande edição das obras de S. Thomaz d'Aquino, á qual o proprio pontifice vincula o seu nome; a reedição da *Divina Comedia*, segundo os manuscritos vaticanos, com o aditamento do comentario dantesco de Serravalle; novos fragmentos de Strabão segundo um palimpsesto vaticano; a reprodução photographica de dois codices da sagrada escriptura e dos profetas, o *Codex Vaticanus graecus* e o *Codex Marchalianus;* numerosos escriptos varios emfim, de que principalmente sobresae a cultura incalculavelmente vasta e a erudição profundissima do Reverendo Ehrl, modesto padre allemão, da companhia de Jesus, prefeito das novas salas de Consulta, ao qual pessoalmente devo lição, conselho e exemplo, a que nunca poderei consagrar proporcional gratidão. Finalmente — e é este o gesto synthetico, fundamental, representativo do pensamento de Leão XIII, que muito imperfeitamente tenho procurado resumir — elle expunge dos antigos regulamentos, e anula de um golpe decisivo e absoluto toda a limitação imposta, sob qualquer pretexto que seja, á investigação dos estudiosos. Não somente a Bibliotheca em todas as suas secções mas o proprio Archivo em todos os seus mais reconditos escaninhos são hoje no Vaticano incondicionalmente patentes a todos os estudiosos *sem excepção alguma*.

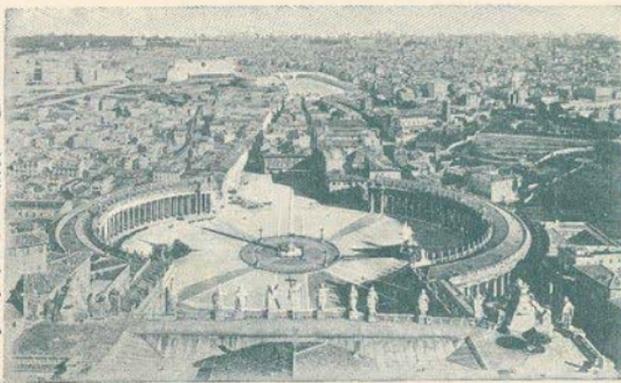
E' ou não é o prestigio da egreja susceptivel de ser attingido pela interpretação scientifica do documento historico? Eis o que Leão XIII deseja que se demonstre, e a esse estudo convoca não um concilio eclesiastico mas o livre concurso ecumenico de toda a erudição moderna, afim de que, n'este ponto culminante para o acordo dos espiritos, o erro cesse de separar os homens. Esta regra de toda a politica apostolica do pontificado de Leão XIII elle mesmo a resume n'uma concisa expressão que é a chave de todos os seus actos — *ut vincat veritas;* isto é: para que no conflicto das opiniões differentes, acima de tudo, unicamente a verdade prevaleça.

♣

Ao cabo de quinze dias de diligentes investigações, quando começava a comprehender que De Vogüé houvesse considerado Leão XIII «o primeiro homem do seu tempo», quando eu mesmo tinha o adquirido convencimento de que, collocado no mais eminente logar do mundo, elle era, pelo menos, a completa personificação da formula ingleza *The right man in the right place*, o Maestro di Camara de sua Santidade fez-me saber que o Santo Padre se dignaria de me receber em audiencia particular no dia immediato, n'um domingo, pelas onze horas da manhã. Fui.

Imaginára que uma perturbadora commoção se imporia a quem sobe pela primeira vez a larga escadaria que do pateo de S. Damaso conduz aos altos apartamentos do Vaticano, parecendo symbolisar na branca ascenção dos seus marmores o fio da tradição que liga a crypta em que jaz o apostolo S. Pedro aos aposentos em que vive como n'outra sepultura aeria o seu actual successor e representante na terra. Não. Sómente o contacto do desconhecido nos perturba, e eu ia, alheio a tudo mais, encontrar-me com um homem a quem me prendiam intimidades de espirito que me faziam consideral-o um conhecido, quasi um amigo. Subi, cheguei ao vestibulo, transpuz a porta dos *Bussolanti*, vestidos de veludo encarnado, passei entre uniformes militares da guarda suissa, da gendarmaria pontificia, dos esbeltos officiaes da guarda nobre; percorri as cinco ante-camaras que precedem a sala de espera, onde me encontrei com dez ou doze agigantados homens, d'aspecto expressivamente energico, cabello á escovinha, barbas negas ou louras aparadas em bico, habito monacal, cabeças altas, e passo firme como de granadeiros em parada: eram os monges brancos do cardeal Lavigerie, que vinham de receber a benção de sua Santidade, ao partir para longinquas missões. A sala era apenas mobilada de singelas cadeiras, e a luz, penetrando das altas janellas por entre cortinas de seda verde, illuminava, como unico ornamento do muro, a nudez eburnea de um Christo crucificado, a eterna imagem sob cuja corôa de espinhos, atravez de todos os cultos vacilantes e de todas as religiões caducas, o homem verá sempre sangrar, como no mais fiel espelho, as suas irremissiveis dores.

Finalmente o Maestro di Camara conduz-me, abre silenciosamente uma porta acolchoada, introduz-me, annuncia-me e some-se.

Em frente de mim, sobre o fundo intensamente vermelho da espessa alfombra e da cerrada armação de damasco que envolve o rectangulo de um pequeno aposento, um vulto bran-

PANORAMA DE ROMA VISTA DA CUPULA DE S. PEDRO

co, lilial, palpita e refulge como que magneticamente modelado n'um clarão de luar. E o papa. Sentado n'uma cadeira de espaldar em cujos braços se apoiam as suas mãos afiladas, niveas e transparentes, elle tem a postura de Voltaire na estatua de Houdon. Nos seus finos labios esmaecidos, de commissuras jovialmente recuadas pela contração bondosa de um velho musculo, paira um enigmatico sorriso, e elle crava em mim esse olhar profundo, quasi suprahumanamente incisivo e perscrutador que Zola comparou ao faiscar de dois enormes brilhantes negros. Pela exiguidade diaphana, quasi etherea, da sua fragil structura phisica essa figura é bem a imagem humana do poder incorporeo do papado, irresistente, inerme, mecanicamente imponderavel, representando no meio do pesado aparelho economico e militar dos estados modernos a simples e tenue affirmação moral dos direitos do espirito.

Somente deliberei adeantar-me para essa visão ao mesmo tempo atraente, amoravel e espectral, quando d'ella evolou uma voz inverosimilmente volumosa e cheia, nitida e sonoramente articulada n'um francez de pronuncia levemente italianisada, e ouvi, acompanhada do voejante gesto de uma branca mão, esta doce e carinhosa palavra: *Asseyez-vous là, mon fils.*

Então me approximei, tomei reverentemente inclinado a debil mão palida e tepida que no mais amigavel movimento se me offerecia, e beijei os dedos que por uma branda enunciação de esforço me conduziam á cadeira que se me destinava.

Donc, vous êtes portugais et vous venez de Lisbonne... principiou por me dizer o Papa. Continuando, falou amavelmente de Lisboa, da doçura do seu clina tão semelhante ao de Palermo, da analogia das suas colinas com as colinas de Roma, e, sempre a respeito de Lisboa, por continuidade de assumptos, vem a alludir com docil melancolia ás rigorosas medidas a esse tempo promulgadas pelo governo com relação ás congregrações religiosas, manifestando quanto o penalisava a aggressiva atitude do povo perante essa dissensão da egreja e do estado no meu bello e pacifico paiz.

Absolutamente extranho á politica, não tendo na evolução dos acontecimentos publicos especie alguma de ingerencia, entendi que o Santo Padre, tocando esse escabroso ponto, não podia ter por fim senão ouvir de mim o depoimento individual de um desinteressado. Portanto lhe disse que, do meu ponto de vista, a hostilidade do povo para com a egreja, a que Sua Santidade alludia, se me não figurava demonstrada. O odio ao padre, de que ecos jornalisticos teriam levado noticia até Roma, parecia-me ser antes mera expressão rhetorica, limitadamente communicada á impulsividade de arruaceiros pelo vituperioso nervosismo de escribas enfastiados. Em nenhum outro paiz talvez, tanto como em Portugal, tem sido o clero um poderoso collaborador da civilisação e da gloria de uma raça. Esse titulo á gratidão e ao respeito do povo não me parece facil de expungir da historia da Egreja em Portugal, por mais longe que tenha chegado em nossos grosseiros dias a decadencia do clero e a ignorancia do povo. Rapida e superficialmente recordei que, ao constituir-se a nacionalidade portugueza, foram os padres d'Alcobaça que estabeleceram as primeiras bases do regimen da propriedade e do trabalho, fundando ao mesmo tempo a primeira bibliotheca e as primeiras escolas da monarchia. Durante o periodo das navegações, dos descobrimentos e das conquistas sabe-se que glorioso papel representaram ao lado dos nossos marinheiros e dos nossos soldados da Africa, da India e do Brazil, padres como S. Francisco Xavier, o padre Antonio de Andrade, o padre Goes, o padre Nobrega, o padre Anchietta, e tantos outros missionarios que acompanharam, precederam ou seguiram esses, deixando indestructiveis pegadas de civilisação em toda a terra que pisaram. Lembrei com relação ao movimento da restauração dynastica do seculo XVII a intervenção do padre Antonio Vieira, que, em lingua italiana, com tanto aplauso prégara em Roma perante o Sacro Collegio; e como no seculo XIX foi dos extinctos conventos e mosteiros que herdamos todos os grandes monumentos, todas as bibliothecas e todas as galerias d'arte que hoje em parte possuimos, em parte desbaratamos; e com essas joias inapreciaveis de que faziam parte as obras de padres como Amador Arraes, André de Rezende, Bernardo de Brito, Antonio Brandão, João de Lucena, Luiz de Granada, Luiz de Sousa, Manuel Bernardes, Vieira, Manuel Severino de Faria, Antonio Caetano de Sousa, Diogo Barbosa Machado, José Correia da Serra, Raphael Bluteau, herdamos tambem homens que monumentalmente lançaram as bases da erudição e da pedagogia do seculo XIX como Caetano Brandão, Francisco Alexandre Lobo, Santa Rosa de Viterbo, Ferreira Gordo, Joaquim de Santo Agostinho, Antonio Pereira de Figueiredo, Antonio Caetano do Amaral... De Sua

S. S. LEÃO XIII
(Retrato de Laszlo)

Santidade, mais que de ninguem, seriam conhecidos os prelados lusitanos e os theologos regios de Portugal que tiveram voz nos concilios geraes desde o seculo XII até ao seculo XVI, comprehendendo varões tão insignes como Pedro Julião, que mais tarde foi papa e morreu sobre a derrocada do palacio que estava edificando em Viterbo; o bispo do Porto Antão Martins de Chaves, o que no seculo XV fundou em Roma o hospicio de Santo Antonio dos Portuguezes, e jaz sepultado na basilica de Latrão; o arcebispo de Braga Frei Bartholomeu dos Martyres, cujas obras foram impressas em Roma; Jorge de Athayde que redigiu as actas do concilio ecumenico de Trento; e o douto Frei Francisco Foreiro, que, convidado a prégar perante o collegio dos cardeaes, perguntou aos legados se deveria exprimir-se em latim, em grego ou hebraico, porque todas as linguas sabias lhe eram egualmente familiares.

O prestigio de taes nomes basta—me parece—para manter assignalada em Portugal por algum tempo ainda o respeito da classe eclesiastica, indubitavelmente decahida da sua supremacia mental em nosso tempo.

Taes foram as considerações que me lembro de ter feito, e em que o papa interveiu por vezes com interessantes desenvolvimentos.

Comparando as modernas reformas da educação portugueza com as que foram realisadas pelo marquez de Pombal, referi-me accidentalmente á letra do decreto da expulsão dos Jesuitas na parte em que Pombal, considerando a lacuna que a ablação da companhia de Jesus deixaria na mentalidade da nação, afirma a alta capacidade intellectual da congregação do Oratorio, destinada a preencher essa lacuna. N'este ponto o Santo Padre observou com a sublinhação de um expressivo sorriso:

—*Oh! le marquis de Pombal était d'abord un grand homme, ce qui n'est pas très fréquent, puis il était encore, lui, un assez bon catholique.*

Quando alludi á moderna educação do clero portuguez comparada á sua educação antiga, o Papa disse:

—*C'est précisément pour relever le niveau de cette éducation, évidemment insuffisante aux séminaires et pas assez écclesiastique à la faculté de théologie de l'université de Coimbra, que le collége portugais, fondé par le vicomte de S. João da Pesqueira, existe à Rome. Je porte un très vif interêt á cette institution, et quoique pauvre moi même, je la doterai dans la mesure de mes moyens.*

Finalmente, ao cabo de tres quartos d'hora de conversação, mostrando interessar-se paternalmente por mim, pela minha casa e pela minha familia, terminou perguntando-me se alguma coisa eu queria d'elle. Respondi que unicamente a sua benção para a minha familia e para a minha casa.

—*Je vous la donne, mon cher fils, de tout mon cœur.*

E, como reverentemente me inclinasse aos seus pés, estendendo a mão sobre a minha cabeça, accrescentou:

—*Je vous bénis, vous d'abord, ensuite vôtre femme, vos enfants, vos petits enfants, vos neveux, vos amis, tous ceux que vous aimez.*

E, depois de proferida a breve formula canonica, com um effectuoso aperto de mão, accrescentou:

—*J'espère que cette bénédiction d'un vieillard vous portera bonheur.*

❦

Parti em seguida para Napoles; e da minha breve estada em Roma trouxe uma rara impressão cantante, perfumada e luminosa, — a mais doce caricia de uma lição de Bellesa, que bem lamento hoje não saber mais lucidamente transmittir pela escripta, em dadiva de Natal, áquelles que amo.

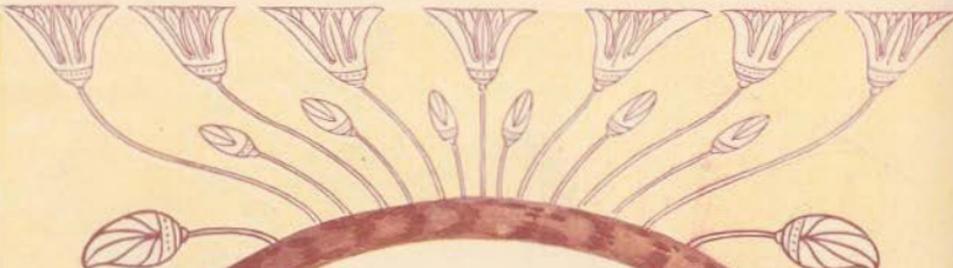
RAMALHO ORTIGÃO.

MYLITTA

Eis-te, visão augusta, explendida Mylitta,
Argentea deusa astral, pallida como a Lua!
Eis-te a resplandecer, Aphrodite semita,
Só de joias vestida a carne ardente e núa!

Eis-te, solemne e calma em tuas formas potentes,
No peito uma nympheia e um passaro na mão,
Os flancos triumphaes, os seios tumescentes,
E os pés de jaspe sobre o dorso d'um leão.

Na tua fronte, envolvendo a coma tenebrosa,
Que nas espaduas cáe em uma juba ondeada,
Como um astro a fulgir na treva mysteriosa,
Esplende a grande thiara, hieratica e sagrada.

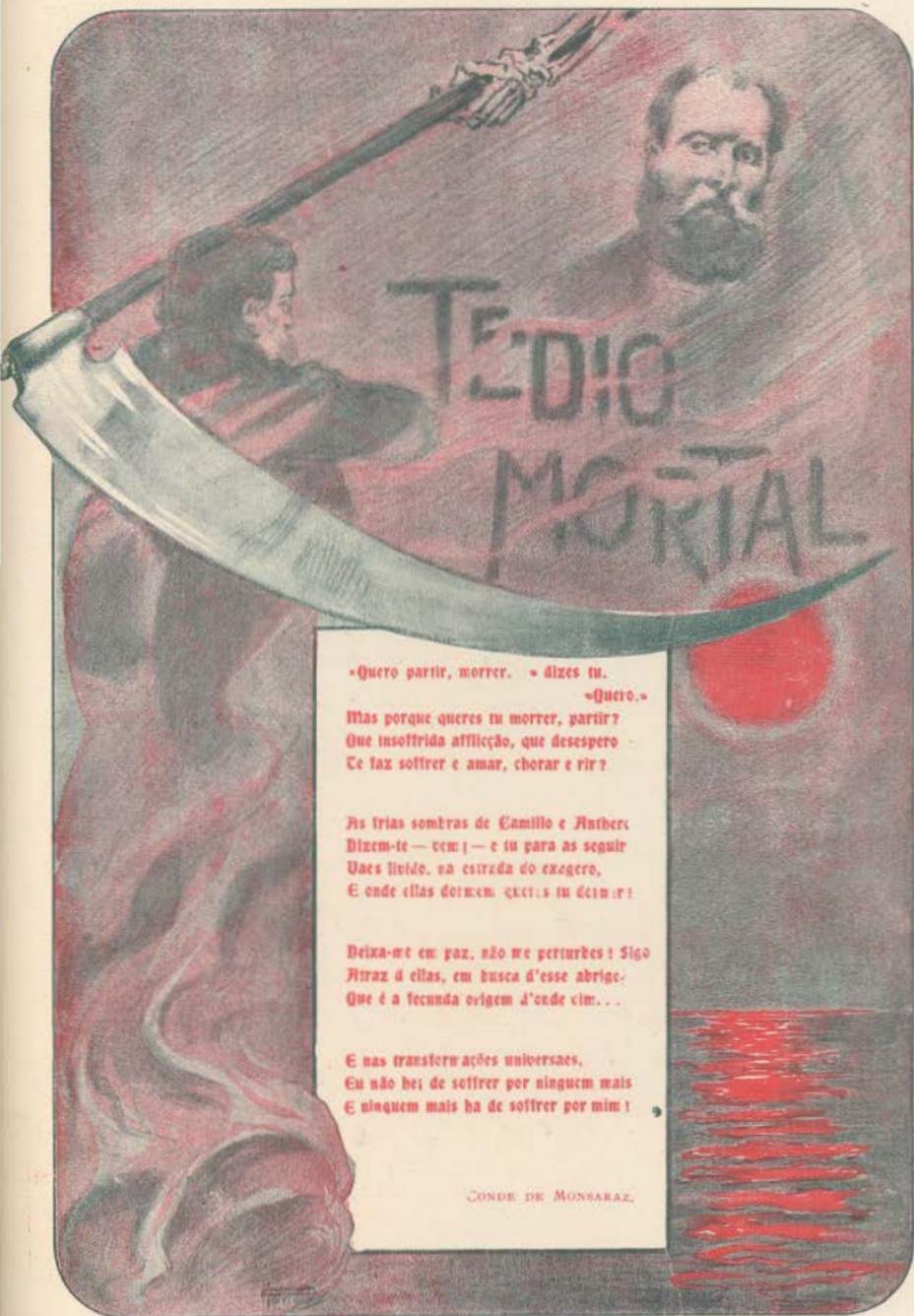
E em teus braços, tua cinta e teu collo divino,
Em tuas mãos e teus pés, fulguram, rutilantes,
Braceletes, anneis, adornos d'oiro fino,
Com saphyras, rubis, corindons e diamantes.

Grave e sacerdotal, entre os myrthos sagrados,
Tu celebras o Amôr n'umas paschoas orgiacas,
E, em torno, a Creação, em férvidos noivados,
Revolve-se no ardor das furias genesiacas.

Tem brilhos de esmeralda o teu dormente olhar,
Glauco e limpido como o verde mar fecundo,
E em teu ventre inflammado ha a ancia de crear,
Que á Terra agita o seio abscondito e profundo.

N'um louco phrenesi, revolta, delirante,
Insaciada de vida e de reproducção,
Do mysterio sexual, obscuro e torturante,
E's a Sphynge cruel, symbolica Visão!

A ti me acurvo, pois, como filho da Terra,
Da primitiva argila oriundo como os mais,
Irmão de tudo o que ella em si mantem e encerra,
Irmão da aguia e do tigre, irmão dos vegetaes!

Sim, por ti o meu ser vibra em chammas ardentes,
Por ti palpita e freme a carne encandecida,
Deusa da creação, dos germens, das sementes,
Deusa do eterno Amôr, deusa da eterna Vida!

LUIZ DE MAGALHÃES

TEDIO
MORTAL
«Quero partir, morrer. » dizes tu.
«Quero.»
Mas porque queres tu morrer, partir?
Que insoffrida afflicção, que desespero
Te faz soffrer e amar, chorar e rir?
As frias sombras de Camillo e Anthero
Dizem-te — vem! — e tu para as seguir
Vaes livido, na estrada do exagero,
E onde ellas dormem queres tu dormir!
Deixa-me em paz, não me perturbes! Sigo
Atraz d'ellas, em busca d'esse abrigo
Que é a fecunda origem d'onde vim...
E nas transformações universaes,
Eu não hei de soffrer por ninguem mais
E ninguem mais ha de soffrer por mim!
CONDE DE MONSARAZ.

A COPA DE BALTHAZAR

A Julio Dantas

Os tres Reis Magos tinham-se ido embora
Em dromedarios calmos, ao luar;
Seus presentes de fulvo scintillar,
Dispunha-os São José na mangedoura.

Um pastor cubiçoso, n'essa hora,
Não se fartava ali de cubiçar
A aurea taça em que o negro Balthazar
Trouxera o claro incenso e a myrrha loura.

Então Jesus, qu'rendo mostrar que o oiro
Por mais que brilhe, é despresivel pó,
E que riquezas de explendor immenso

Só se encontram das almas no thesoiro,
Ao pegureiro attónito bradou:
—«Leva a copa mas deixa a myrrha e o incenso!»

EUGENIO DE CASTRO.

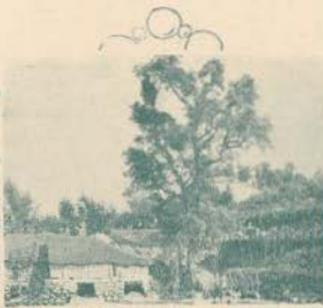
O PRESEPIO
Quadro gothico do Museu das janellas Verdes

O MINHO

Limitada por dois rios, um ao norte e outro ao sul, pelo Atlantico por um lado e por outro, cortando o Lima e encostando-se a serras de desegual relevo, fica a feracissima provincia do Minho, occupando assim um pequeno espaço no nosso já pequeno Portugal. Pequeno pela extensão territorial, grande pela sua gloriosissima historia. E como se a natureza quizesse eternamente perpetuar a memoria d'aquelles que, n'um tão estreito pedaço de terra, fundaram a nacionalidade portugueza, não houve dom que a tão bella provincia regateasse

Sempre verde, vestida da côr da esperança, dir-se-hia um ex-voto perennal, lançado sobre a terra abençoada, predizendo destinos futuros ainda mais gloriosos. Nem no inverno, quando o frio é mais intenso, as arvores se despem de folhas e os cumes das montanhas se corôam de neves, o musgo macio deixa de vestir a penedia e as fragas, os prados de se tapetar d'herva viçosa, e a relva, a fresca relva, de amacear caminhos e atalhos. E quando a primavera acorda, as arvores rebentam e os passaros começam cantando o fecundo hymno d'amor, é como se uma chuva de flôres cahisse do azul do céu matisando campos, montes e penedos! Até os silvados se mancham de côr de rosa e, emaranhados nas madresilvas, dissimulam os espinhos agudos, que só ferem quando as raparigas lhes roubam as vermelhas amoras com que tingem ainda mais os beiços sadios. E como se a natureza não bastasse, o minhoto apaixonado como ninguem pela terra—a terra mãe, a quem tudo deve e que tudo lhe dá—aproveita o menor socalco de terreno, adubando-o com o matto curtido das córtes, regando-o com a agua que laboriosamente vae buscar ás minas, deixando em paz a que corre lenta pelas terras fundas. E, a subir pelas ingremes encostas, arranca á terra, com o copioso suor do seu rosto, mais pão para o celleiro. Do monte, do alto monte, só não lavra o que é preciso

ao pasto do seu gado e ao chão do seu eido.

N'esta ancia incessante de cultivar deixa apenas as bouças, onde o tojo, salpicado de flôres d'oiro vivo, cresce bravo; os pinhaes murmurantes onde as rolas fugitivas gemem, as pêgas esvoaçam palreiras, os gaios fogem presentidos soltando

sons arripiantes e os corvos grasnam afflictivamente; as espessas mattas de fortes carvalheiras, e os soutos de castanhaes onde na primavera o sol accende primeiro as candeias de prata, que depois doura, deixando o verde ouriço crescer e medrar até cahir, dourado tambem, abrindo os seios ás castanhas maduras. Formosos soutos e mattas onde os melros parecem assobiar com mais frescura, e onde a dobrada cantiga do pisco e da toutinegra se confunde com o melodioso gorgear dos rouxinoes, felizes nos choupos e salgueiros da beira dos rios. Abençoado torrão!

Cultivado como um jardim, tratado como um canteiro. Rico de rios, de riachos e fontes. Fontes, riachos e rios que cantando vão para o mar e a cantar ensinaram o caminho das nossas descobertas e conquistas.

Lindos valles semeados de campos bordados d'arvores a que se enlaçam as vides. Macias vertentes por onde os campos sobem, sempre com arvores a que se enforca a vinha. Socegados lameiros onde a agua reçume e as rãs coaxam. Pequeninas searas de trigo ou de centeio, ondeando ao vento e onde canta a codorniz. Mimosos campos de linho, que em estrigas de ouro haveis de ser fiado pelos caminhos, as roccas enfiadas á cinta das airosas cachopas pensando nos *conversados*, ou á beira das lareiras, nas tardes invernosas, emquanto as velhas avós contam aos netos historias de lobis-homens! Brancas ermidas coroando os montes, ou mais em baixo as torres a espreitar curiosas por entre o copado arvoredo. Despovoados conventos assignalando uma desoladora mancha de ruina na fecunda terra que os cerca. Moinhos do alto, já sem velas, esquecids demoer! Casas solarengas enfiando os valles, dominando os pequenos casebres dispersos. Fechadas latadas toldando os caminhos, circumdando as casas. Egrejas das freguezias sempre á sombra das arvores do que foi velho passal. Casas de *brazileiros* erguidas nos mesmos logares de

onde os donos partiram chorosos, humildes e creanças. Aldeias risonhas aninhadas pelos valles. Garridas villas de poucos annos alastrando e crescendo á beira das estradas. Velhas cidades e antigas villas, testemunhas dos feitos mais heroicos da nossa primitiva, batalhada historia. Mar azul, mar verde, mar de infinitas cambiantes, só com uma estreita faixa de areias e rochas para beijar e rolar, porque logo as arvores encontram terra onde enraizam e crescem. Rios limpidos e baixos atravessando ferteis campinas. Lagrimas dos açudes tombando docemente das altas, vagarosas rodas das azenhas. Rios caudalosos, apertados entre ribas escarpadas, galgando em torrentes por sobre as rochas convulsas e um instante adormecidos nos pêgos serenos e traiçoeiros. Altas montanhas, nascentes d'esses rios, cavadas de fundas ravinas, cobertas d'arvores e eriçadas de rocha, que a espuma das aguas, despenhando-se em cataratas, vae pouco a pouco polindo.

Minho! Terra abençoada dos copados carvalhos — symbolo da força — do esguio louro — emblema da victoria! — Minho alegre das alegres romarias, dos alegres repiques dos sinos das aldeias, dos alegres descantes das esfolhadas nas eiras, das sachas nos campos, das vindimas nas arvores! Minho, doce terra que as mulheres amanham e que as creanças beijam quasi ao nascer, cahindo núasinhas das desconjunctadas canastras onde as embalam. Minho, terra mãe da nossa Patria, és como se fosses a querida, a Santa Mãe de todos nós!

CONDE D'ARNOSO.

TOQUE D'ALVORADA

Ao Doutor Bernardino Machado

O almocreve, que fazia a recovagem do Porto revolucionario e da Braga fiel para o Alto Minho, deixava encommendas, que vinham d'essas terras famosas, em muitas aldeias do seu transito. N'esta quinta feira de julho estuante devia passar, pela tarde, na freguezia pastoreada pelo benigno padre Carvalhosa e o pequeno Emilio esperava-o anciosamente. Nem paciencia tivera para jantar em casa ao meio dia: atulhou os bolsos de brôa e pêras e lá partiu, desobedecendo a sua bondosa mãe, pois ia esperar o tio Carocho, que lhe traria o seu *Thesouro*, primeiro livro de leitura, contendo estampas maravilhosas. O velho José Fortunato, archivo de toda a sabedoria elementar da terra, que ensinára innumeras gerações de rapazes e meninas de casas boas a lêr sonoramente e a escrever com lettra reflectida e nitida, é que n'um quadrado de papel almaço puzera o titulo e mais indicações de obra tão magnifica, recommendando verbalmente ao almocreve que a comprasse no Germano da rua do Souto, em Braga. Desde o inicio do grande acontecimento, que se ia dar na vida de Emilio, este não pensou n'outra coisa, pois já de muito invejava nas mãos de outros, mais adeantados e sabedores, a rica encyclopedia, que era o *Thesouro de meninos*. Sabia além de tudo, por informações do proprio José Fortunato, que o precioso livro estava consideravelmente accrescentado e melhorado na encadernação e estampas, onde se representavam agora muitos animaes a côres e alumnos em attitudes sisudas com os olhos presos na leitura. Assim excitada a irrequieta e alada imaginação de Emilio, caracter vivissimo, que aos tres annos attentára contra a estatua do magestoso Christovão Colombo, que em sua mão esquerda sustentava o globo terraqueo em barro, comprehende-se que mal lhe soffresse o animo esperar quieto até ouvir de dentro de casa a guizalhada da récua das cinco bestas do tio Carocho. Por isso, antes do meio dia e com a linda cabeça exposta aos raios d'um sol ardente, lá appareceu sentado no muro á borda da estrada, mastigando com gula as suas pêras e a sua brôa. Deus, que é infinitamente bom para as creanças, que tanto o respeitam e temem, amerceiou-se do sacrificio e enthusiasmo do Emilio pelo saber, e ás tres horas, talvez duas mais cedo do que era costume, ouviu-se em toda a aldeia o badalar grosso do chocalho da frente, que era o que marcava o compasso ás alegres campainhas e guizos dos machos da retaguarda.

Uma contente alleluia appareceu no rosto de Emilio! O almocreve, com a sua vistosa enfiada de cavalgaduras, tinha chegado ao alto da Portella, ponto onde o caminho serpenteando começa a descer!... O pequeno, logo que tal presentiu, saltou do muro, adquiriu azas nos pés para subir a ingreme ladeira, tal cabrito montez perseguido por mollossos e lá foi ao encontro do Carocho!...

Ao entestar com a figura atarracada, larga de hombros, a arreata em volta do papudo cachaço, do borrachão do almocreve, Emilio viu a illuminada imagem d'um seraphim!... Estacou offegante, a face rubra, os olhos gloriosos, os beiços tremulos perguntando:

—Traz, tio Carocho?

—Trago o quê, fidalguinho?!—regougou.

—O meu Thesouro!...

—O qu'é isso do seu Thesouro?...

—O livro pr'a eu aprender a lêr!

—Se m'o encommendaram hei de trazer, está sabido.

—Então dê-m'o.

—Fia mais fino. As encommendas entregam-se lá em baixo no adro. Olhe, vá adiante depressa dizer á mãesinha que mande uma boa infusa de vinho para o Carocho lavar a garganta da poeira do caminho, que a trago mesmo secca como um pau; e depois de bebermos, fallaremos, fidalguinho...

Emilio não quiz ouvir mais. Como a imposição viesse misturada com a promessa de receber o seu Thesouro, achou-a delicada e leve. Galgou, como um beserro doido, pedras e lacadas do secular caminho, chegou a casa offegante de enthusiasmo e conseguiu de sua mãe que mandasse o Manuel com a desejada infusa de verdasco.

Já encontraram no largo terreiro, cerca da modesta egreja, á sombra das frondosas e anti-

quissimas carvalheiras, o tio Carocho rodeado dos seus freguezes e em começo da sumptuosa distribuição de encommendas! Entregava a uma noiva, um espelho; a uma lavradeira tafula dois tamanquinhos de verniz despontados a retroz de variadas côres, comprados em Braga, n'uma loja detraz da Sé; ao creado do padre Pitança dava umas botas de cannos, pesadas e resistentes, e ao d'um padre novo e janota uns sapatos de entrada a baixo para as festas. Para D. Maria do Refuinho trazia um lindo escapulario, presente do sr. padre Martinho, amigo do sr. arcebispo, que o benzera com a sua mão papuda; para a morgada D. Michaella, pretendida do famoso Silveira, aquelle que punha ovos, um corpete de veludilho com brilhantes guarnições obra d'esse Porto inegualavel! Era um nunca acabar! O velho mestre escola, José Fortunato, recebeu uma boa régua de pau santo e uma duzia de lapis oitavados; o pae da noiva do espelho muitos cartuxos de confeitos e amendoas para a bôda da filha; o D. Francisquinho da Roliça, grande caçador de perdizes, um cinto de caça e uma espingarda a que mandára pôr fecharia nova. Trazia tambem uns paramentos de egreja concertados por umas habilidosas senhoras da rua da Conega, os quaes o sacristão recebeu com modos de todo o respeito; e um relogio de parede para o medico Pestana, um dyspeptico, que andava sempre atrazado nas horas da comida, com grande zanga da creada. Muitas coisas mais entregou: um pote de ferro, duas navalhas de barba, dois grandes tachos para os bolinhos da conçoada, maços d'agulhas, meadas de retrós para bordados, etc.. etc... etc... Um cebento rol sahido do bolso da gordurosa vestia é que servia ao almocreve para a distribuição e para receber o preço da mercadoria e do transporte. Á maneira que ia entregando e cobrando riscava no papel o nome da encommenda e o do seu destinatario, com uma ponta de lapis, que molhava na bocca com toda a pachorra e cautella, como o caso requeria. Quando deu por findo o seu trabalho, cobriu com a manta a boceta de Pandora onde vinha o melhor do destinado áquelle logar, boceta que era um grande canastrão e disse, arrotando ao vinho, que sorvera copiosamente da infusa:

—Prompto! Nada mais!...

Todos se sentiam satisfeitos; só o pequeno Emilio rebentava de anciedade e amargura! Todos iam na direcção do seu destino, só elle ali ficára firme, com os pés pregados á terra ardente, as faces rubras como interior de forno, os olhos febris de inquieto desejo, sem possibilidade de articular o crescente desalento da sua alma! Passado tempo, depois que o tio Carocho cobrira o grande canastrão como se tapasse com lapide e para sempre, uma sepultura, a creança balbuciou timidamente, em voz precatoria:

—Então eu, tio Carocho?!...

—Que quer o menino?!

—O meu Thesouro.

—Então não lh'o dei já?!

—Não senhor, tio Carocho.

—Querem vêr que me esqueceu o demonio do livro!...

Retomou a ennegrecida papeleta, soletrou-a demoradamente com o olhar pisco de borracho. Após longo e paciente exame, disse n'um tom galhofeiro e sarcastico:

—Diabos levem o demonio para as profundas! Vir, veiu o raio do livro! Não querem vêr que o perdi pelo caminho!...

O espirito de Emilio ficou vacillante. O torvo almocreve, pesado e incerto, descobriu differentes cargas, indo ao fundo revolver tudo para encontrar o Thesouro de Emilio, que o seguia com interesse de cada vez mais ardente. Confrangia-se-lhe o coração de desalento quando ouvia o Carocho resmungar: «Não, isto é do boticario... «Não, isto é da estalajadeira... «Isto para o ferrador... «Não encontro, não vem, perdi-o...» Porém, continuava a revolver, a revolver com fé em que poderia satisfazer a attribulada creança. Na sua alma grosseira havia certamente sentimento de piedade pela magua que via estampada no rosto de Emilio, que a todo o momento esperava ouvir d'aquella bocca esqualida qualquer palavra de infinita consolação. E se aquelles lindos olhos de creança não estivessem já embaciados de lagrimas, poderiam apreciar, n'um dado momento, que o feio rosto do recoveiro se illuminara d'um sentimento de bondade contente, quando pronunciou:

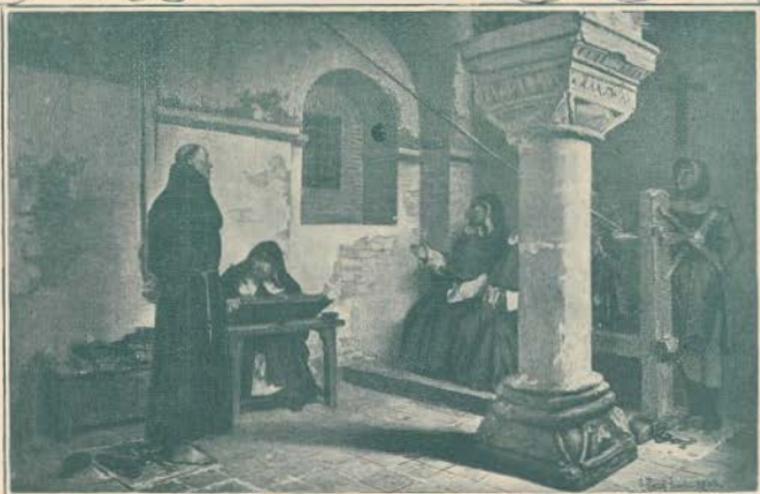
—Cá 'stá! Maus raios! Bem me queria parecer! Ia-me causando refegos no coração. Antes queria ter perdido um macho do que isto! Tome lá. São quatorze vintens... tudo.

O creado Manuel pagou e Emilio partiu correndo, levando agarrado ao peito o seu Thesouro.

Ao entrar no quinteiro de casa, de longe gritou a sua mãe, que estava na varanda costurando:

—Mãesinha! Cá está! Cuidei que o não tinha trazido. Se não viesse... eu morria!...

Lisboa, dezembro de 1905.

BENTO MORENO.

SILENCIO

Alta noite, quando já toda a cidade dormia o seu pesado somno de pedra, a pequena porta escusa e chapeada de cobre do palacio da Inquisição, que deitava para o pateo do Duque, abriu-se surdamente, cautelosamente, e cinco vultos negros surgiram, em marcha procissional, no clarão vermelho d'uma tocha acessa. A' frente ia um dominicano osseo, immenso, rude, de espaduas quadradas de athleta, cogulado de um capuz escuro, avançando em largas passadas; atraz d'elle, tres homens de grandes chapéus negros, capas negras, mantéus brancos derrubados á hollandeza, espadas de ferro, faces glabras, — caricatura dos familiares da Inquisição de Toledo; e no couce, ajoujado com o grosso brandão acesso, cuja chamma lhe punha dedadas d'ouro na face secca e árida, caminhava um velho leigo de S. Domingos, curvado, tropego, senil. Atravessaram o pateo do Duque de Cadaval, tornejaram as casas dos herdeiros de D. Balthasar da Silveira, desembocaram no terreiro do Rocio, seguiram dissimulados por debaixo dos arcos, metteram á rua dos Escudeiros, galgaram a velha travessa das escadinhas do Carmo, ingreme e tortuosa, sob o abraço de pedra dos gigantes do mosteiro, desceram a travessa do Sacramento, cortaram a direito, — e, alguns passos mais, avançando na sombra, pararam junto á portaria do convento de S. Francisco. Então, o immenso frade dominicano derrubou mais sobre os olhos a testeira negra do capuz, desentalou do cordão do habito um pergaminho dobrado e rugoso, subiu as escadas da portaria, solemnemente, levantou com a mão herculea a grossa aldraba de bronze e deixou-a cahir sobre o escudete azebrado da porta, n'um ruido áspero e resoante. D'ahi a pouco, umas sandalias arrastaram lá dentro sobre o lagedo, correram-se ferrolhos, tilintaram chaves, e um dos batentes de castanho do grande portão conventual rodou, guinchando nos gonzos de ferro.

— Da parte da Santa Inquisição! — annunciou, n'uma voz dura e nitida, o gigantesco frade de S. Domingos, a cabeça erguida, as mãos occultas nas mangas do habito.

— Pois que entre a Santa Inquisição, — gemeu timidamente o irmão porteiro, afastando-se, curvado, muito humilde no seu chióte de burel, os chaveirões presos á cinta n'uma corrente de ferro, os pés nus no couro monacal das sandalias, uma lanterna a tremer-lhe na mão.

O dominicano voltou-se, fez signal ao leigo da tocha e aos tres familiares, que subiram, derrubando os immensos chapéus de feltro negro. Ao chegar ao topo da escadaria capitular, entraram no primeiro corredor dos dormitorios, ladeado de escanos de castanho com espaldar, alumiado por lampadas de latão que bruxoleavam, e emquanto o leigo porteiro de S. Francisco ia prevenir o guardião á sua cella, o nobre frade de S. Domingos, sempre com a testeira da cogulla sobre os olhos, desdobrou o pergaminho

inquisitorial, chegou-o á luz de uma das lampadas, certificou-se melhor d'um nome que lhe fugira, tornou-o a dobrar, guardou-o na manga do habito, e esperou. Momentos depois a porta de uma das cellas abriu-se, e precedido do porteiro que lhe alumiava os passos, o guardião, um velho frade octogenario, arrastando as pernas, cachético, encostado a um bordão de sabugueiro, a mão descarnada a defender da luz os olhos vermelhos d'ophtalmias, avançou para o grupo negro dos familiares, n'uma voz trémula:

— A Santa Inquisição que deseja d'esta humilde casa?

O dominicano desdobrou a ossatura enorme, deu dois passos ao encontro do frade, entregou-lhe o pergaminho de que era portador, e informou com a rude altivez da sua fidalguia monacal:

— Ordem de Sua Eminencia o Arcebispo Inquisidor-Mór para que por Vossa Paternidade seja entregue ao Tribunal do Santo Officio o padre frei Manoel do Sepulchro, da provincia de Santo Antonio, leitor d'este convento. Vossa Paternidade providenciará.

— Frei Manoel do Sepulchro? — repetiu machinalmente o velho guardião surpreso, levando a mão afflicta ás camandulas que lhe pendiam do cordão de esparto. E depois, recobrando serenidade, devolveu o pergaminho ao dominicano, sem o ler, e ordenou para o leigo porteiro n'uma contracção da sua face rugosa:

— Ide acordar á sua cella frei Manoel do Sepulchro.

O leigo curvou-se e desappareceu pelos corredores, arrastando as sandalias sobre o tijollo do chão. O guardião velho, tacteando o crucifixo do rosario, a tremer como uma creança, deixára-se cair sobre um dos escanos, olhando em volta, o craneo calvo coberto pelo capuz, os pés roxos e inchados no abraço das correias de couro. A um aceno do dominico, os familiares, mudos na sombra, assentaram-se tambem. Só o gigantesco enviado do Santo Officio ficou de pé, sempre coberto pela cogulla negra, fixando no chão o olhar duro, no orgulho supremo da sua envergadura de Hercules que os largos pannos do escapulario ampliavam ainda. Houve uns minutos de espera e de silencio. D'ahi a pouco, ouviram-se de novo os passos arrastados do leigo porteiro; a sua figura humilde, ao clarão da lanterna, perfurou a sombra espessa do corredor, — e atraz d'ella outra figura surgiu, viril, pallida, nobre, embrulhada no burel de S. Francisco, a cabeça alta, o pescoço masculo a descoberto, o olhar limpido e tranquillo. Era frei Manoel do Sepulchro. O moço frade caminhou, serenamente, até ao branco onde o guardião se afundára, cheio de pavor, correndo as camandulas; curvou a cabeça, beijou-lhe com humildade a manga do habito, depois aprumou-se, hirto, ergueu a fronte n'uma expressão de magestosa simplicidade, encarou o immenso dominicano que o aguardava de braços cruzados sobre o peito, e exclamou, medindo-o d'alto a baixo com o olhar:

— Estou ás ordens da Santa Inquisição.

Acto continuo, apossaram-se d'elle os familiares. O leigo dominicano accendera já a sua tocha enorme no lume de uma das lampadas do corredor, prompto para se pôr a caminho. Não havia formalidades a cumprir. O frade de S. Domingos curvou-se ligeiramente, tanto quanto lh'o permittiam o seu dom nobiliarchico e a fidalguia da Ordem, e emquanto o velho guardião franciscano, opado e imbecil, ficava olhando da sombra os chapéus bicudos dos familiares, foi descendo a escada da portaria, seguido dos esbirros, na solemnidade grandiosa do seu escapulario negro.

Passado o tempo de quarenta padre-nossos resados devagar, frei Manoel do Sepulchro, acompanhado pelos familiares e pelo dominicano, entrava a portinha esconsa e chapeada de cobre da Santa Inquisição. Conduziram-no primeiro por um estreito corredor, cuja abobada baixa lhe pesava sobre a cabeça, e ao longo do qual era necessario caminhar curvado. Depois fizeram-no voltar á mão direita, por outro corredor mais largo, tendo de espaço a espaço, na parede, braços de ferro onde ardiam tochas, e introduziram-no n'uma pequena sala rectangular, de tectos de tumba e chão de tijolo, cujos ladrilhos soltos se lhe moviam debaixo das sandalias. Ahi, juntaram-se ao grupo mais dois frades de S. Domingos, patibulares, de mãos enclavinhadas e capuzes sobre os olhos, — e sem uma palavra, entendendo-se apenas por olhares e por gestos, foram desapparecendo todos n'um recanto escuro, rodeado de grades de ferro, por onde descia uma escaleira de pedra gasta, em caracol. Frei Manoel do Sepulchro foi o penultimo a descer. Atraz d'elle, gigantesco, sofraldando o escapulario de lã negra, batendo a soleira de couro na pedra das escadas, seguia o musculoso e brutal dominicano que o fôra buscar ao convento. Desceram talvez sessenta a setenta degraus, na escuridão; cheirava a bafio e a humidade. Finalmente, a escada terminou como um bocejo de pedra, ao canto d'outra sala oblonga, alumiada por uma tocha cravada n'um tocheiro de ferro da altura de um homem, e rodeada de escanos altos em cujo espaldar flammejava a espada de S. Domingos. Ao chegar ali, os familiares retiraram-se, deixando o frade exclusivamente entregue aos tres dominicanos. Dois d'elles approximaram-se então d'uma pequena porta crivada de pregaria de bronze, applicaram o ouvido, como a escutar; em seguida abriram-na e desappareceram na sombra. Ficaram apenas na sala, junto ao tocheiro de ferro, o franciscano e o padre espadaúdo de S. Domingos que o acompanhára desde o mosteiro de S. Francisco. Os dois homens, de pé, mudos, immoveis, um em

face do outro, olhavam-se. O escapulario negro do dominico e o chiôte de burel do frade menor pareciam vestir duas estatuas.

De repente, no meio do silencio profundo, um grito agudo, vindo ali de perto, sacudiu o ar immovel e fez estremecer as sombras. A esse grito succedeu outro, mais estridente ainda, abafado depois, morrendo n'um som rouco, guttural, estrangulado; em seguida, um ruido de ferros, um chiar de corda aspera correndo apertada n'uma roldana, — e por fim, de novo o silencio, pesado, sombrio, impenetravel. A face de frei Manoel do Sepulchro agitou-se em pequenas convulsões rapidas, o olhar procurou instinctivamente a porta, a mão vacillando no ar agarrou convulsa o espigão enorme do tocheiro de ferro. Quando ia gritar, revoltar-se, perguntar em nome de que Deus, em nome de que misericordia se torturavam assim creaturas humanas, a porta baixa pregada de bronze rodou nos quicios, e um dominicano de olhar duro, com um pequeno crucifixo na mão, chamou:

— Padre frei Manoel do Sepulchro!

O moço franciscano ergueu a fronte com nobreza, olhou o frade que o reclamava, e serenamente, gravemente, encaminhou-se para a sala contigua, seguido dos dois padres de S. Domingos. Era uma ampla e velha casa de abobada, dividida em dois corpos por uma arcaria romanica supportada por tres columnas atarracadas em cujos capiteis se perseguiam e enroscavam feras de pedra. Alumiavam-na tres tocheiros de ferro como o da ante-camara, immensos e barbaros. Ao fundo, na nave da esquerda, a toda a altura da parede, uma cruz negra abria os braços seculares; e logo por debaixo d'ella, nas stalas monasticas, com as suas cogullas encapuzadas e os seus escapularios negros, os olhos pardos fuzilando na sombra, as mãos osseas repousadas sobre os joelhos, os qualificadores, os auditores dominicanos do Santo Tribunal aguardavam immoveis, calmos, impassiveis. Mais abaixo, a um lado, fóra do estrado dos juizes, nas suas primitivas estantes de archi-banco, os notarios moviam os cálamos sobre pergaminhos amarellecidos, lentamente, o capuz sobre os olhos. Diante do Inquisidor, que se afundava n'uma stala mais alta, o prato vazio de um brazeiro de cobre repousava sobre uma tripode de ferro. No chão de lagedo havia argolas tambem de ferro fortemente chumbadas á pedra; ao alto desciam cordas, de polés enormes; a um lado, um potro de madeira, salpicado de sangue, jazia como um leito immenso. E por detraz dos juizes, a face tapada por um panno esburacado de duas orbitas, envolvidos n'uma capa negra e embiocados n'uma gualteira encapuzada e ponteaguda, os piedosissimos carrascos esperavam, meio dissimulados por uma tapeçaria escura, onde a cruz, o ramo d'oliveira e a espada flammejante da Inquisição surgiam armoriados entre as palavras «*Justicia et Misericordia*».

Frei Manoel do Sepulchro entrou, pallido, a cabeça erguida, deu dois ou tres passos firmes em direcção aos juizes, e estacou. Perto d'elle, sobre o lagedo, avultavam umas formas quasi humanas que um panno negro recobria. O olhar do moço frade demorou-se sobre esse monte de farrapos d'onde surgia apenas um pé descalço e branco; depois relanceou por toda a quadra, tranquillamente, e fixou-se sobre o estrado do Santo Tribunal.

— Que nome haveis? — inquiriu da stala mais alta uma voz roufenha, batida como um ruido de matraca.

— Frei Manoel do Sepulchro, — respondeu o franciscano.

— E no seculo?

— Manoel de Sousa Soares Lopo.

— Edade?

— Vinte e oito annos.

O cálamo dos notarios arranhava sobre o pergaminho amarello. Houve uns segundos de espera. O dominicano gigantesco, de pé junto a frei Manoel, cruzára os braços. Depois, a mesma voz aspera e nasalada do Inquisidor dominico ordenou, lentamente, para o lado dos archi-bancos:

— O summario e a nota theologica.

O mais velho dos notarios encavalou no nariz uns oculos redondos, ergueu-se, agarrou os in-folios do processo, chegou-os á luz d'uma tocha pequena que o alumiava, e leu, impassivel:

— «E mais a testemunha declarou, *post tormentum in caput alienam*, receber o padre frei Manoel do Sepulchro, da provincia de Santo Antonio, religioso no convento de S. Francisco d'esta cidade, uma mulher moça da qual tivera um filho na constancia do habito e com a qual praticava a seita lutherana...»

— E' falso! — rugiu o moço frade, arrancando n'uma furia d'encontro ao archi-banco do notario. — E falso!

Mas a mão de ferro do dominico, colhendo-o pelas costas, immobilisou-o. Então, frei Manoel, mais calmo, passando a manga do habito pela fronte molhada de suor frio, esclareceu n'uma voz nitida:

— E' falso que eu tivesse praticado algum dia a seita lutherana! Fosse com quem fosse!

— *Confitente deminuto*, — articulou placidamente do alto do estrado um dos qualificadores, dominicano mulato, de grossos labios, fronte estreita, olhos perfurantes.

— E quem era a mulher que Vossa Paternidade recebia na sua cel-

la? — insistiu o roufenho Inquisidor, fazendo tilintar sobre o brazeiro de cobre a cruz de ferro das camandulas. — Que nome tem? Vossa Paternidade deve sabel-o...

— Recebi-a por concupiscencia. Não sei quem é, nem onde vive, nem qual o seu nome.

— Vossa Paternidade não sabe então o nome da mãe do seu filho?

Frei Manoel do Sepulchro cambaleou, fugiu-lhe por um momento a luz dos olhos, amparou-se á pedra barbara d'uma das columnas, mas ao fim d'uns segundos aprumou-se de novo, desdobrou a sua figura viril e nobre, e respondeu com simplicidade:

— Não sei.

— Onde vive ella? — tornou o Inquisidor.

— Não sei. Nem este Santo Tribunal tem que vêr com essa mulher! O frade sou eu, o peccador sou eu! Fui eu que a violentei, fui eu que a atirei para o catre da minha cella! Sou eu que respondo por tudo! Eu só!

Logo um dos auditores da esquerda, velho hydropico, redondo, com um rictus de satyro e umas mãos papudas e oleosas sobre a lã negra do escapulario:

— Vossa Paternidade sabe que o Santo Tribunal da Inquisição tem processos para arrancar as confissões que se occultam...

— Não responde? — insistiu o Inquisidor, cuja cruz de ferro do rosario bateu com mais força no prato de cobre.

— Nada mais tenho a responder.

— Obstina-se no silencio? — rugiu o auditor, avançando a cabeça hirsuta, n'um gesto feroz.

Então, o qualificador mulato, vendo a mudez obstinada do frade, deixou cahir a tragica palavra, como uma condemnação:

— *Negativo.*

Immediatamente, dois homens apossaram-se de Frei Manoel do Sepulchro; fizeram-no caminhar até uma das argollas de ferro chumbadas ao lagedo; ataram-lhe os pés á argolla; amarraram-lhe as mãos atraz das costas com uma corda de esparto que pendia d'uma das roldanas do tecto, e fazendo signal a dois outros familiares que por detraz do estrado dos juizes moviam uma polé enorme, aguardaram as ordens.

— Vossa Paternidade recusa-se, então, a dizer o nome da mulher em cujo ventre gerou um filho?

— Recuso, — respondeu com dignidade o moço franciscano.

Acto continuo, a corda de esparto retesou-se, os braços do frade, repuxados violentamente, estalaram nas articulações, ouviu-se um rugido de dôr, — mas logo a um aceno do notario a corda afrouxou de novo, os braços penderam, e a voz roufenha do Inquidor insistiu ainda:

— Como se chama essa mulher, frade?

Frei Manoel não respondeu. Manteve-se de pé, olhando de face o tribunal, n'um olhar de supremo desafio. Outra vez a corda se retesou; outra vez os braços do frade estalaram erguidos a prumo, desarticulados, como os d'um bonéco; outra vez um grito surdo, como um uivo immenso, resoou nas abobadas; outra vez a corda afrouxou e os braços penderam, pesados, inertes, mortos.

— Vossa Paternidade ainda não diz o nome d'essa mulher?

— Invente o inferno a maior dôr humana, — rugiu Frei Manoel, vacillando, amparado ao dominico, — invente-a o inferno, e não me arrancará do coração esse nome

Então, a um gesto do auditor, desamarraram-lhe os pés e as mãos; os dominicanos, do alto das suas stallas inquisitoriaes, trocaram entre si palavras de segredo; e por fim, o Inquisidor, roufenho, erguendo-se e olhando o pobre frade estropiado, ordenou para os esbirros:

— Levem-no junto d'esse cadaver estendido nas lages, levantem o panno negro que o cobre, e vamos a vêr agora se o frade diz ou não diz o nome da mulher que recebia na cella!

Os familiares obedeceram, acercaram-se do vulto negro acaçapado nas pedras do lagedo, agarraram uma ponta do panno escuro que o dissimulava, repuxaram-n'o n'um movimento brusco, — e á luz crua dos tocheiros de ferro, um corpo de mulher surgiu, branco, mutilado, salpicado de sangue, os dedos ainda cheios de joias. Ouviu-se um grito estridente e barbaro; frei Manoel do Sepulchro tentou erguer os braços inertes, desconjunctados; cambaleou, sacudiu a cabeça com o desespero d'uma fera, e como um corpo morto, pesadamente, desamparadamente, cahiu sobre o cadaver, rugindo, bradando, chamando, n'um uivo dilacerante:

— Helena! Helena Helena!

Logo o Inquisidor, esclarecendo com toda a placidez para o notario, cujo cálamo arranhava as folhas amarellas do pergaminho:

— Chamava-se Helena. Póde continuar o summario do processo.

JULIO DANTAS.

OS VENCIDOS DA VIDA

Aquelle que um dia quizesse fazer a historia viva da Lisboa de ha quinze a vinte annos, não poderia deixar de dedicar um dos seus capitulos aos «Vencidos da Vida». Capitulo de aspecto duplo, esse: por um lado, deveria tentar dizer o que *fôram* os vencidos; por outro, diria o que o publico, tão diversamente julgou que elles *fôssem*.

Teriamos, assim, a historia completa do grupo, feita de *dentro*, e feita de *fóra*.

Antecipando-me hoje a esse historiador, de desejar, encaro sobretudo o segundo aspecto — pela razão simples de que acho o primeiro, para mim pelo menos, muito difficil de tratar. Tentarei, pois, dizer o que os «Vencidos» fôram aos olhos do publico — hostil ou sympathico — e esboçar a dois traços rapidos o perfil de cada um, taes como, então e mais tarde, os visionei, e se fixaram na minha memoria...

— O que foi, que é talvez ainda o *Vencidismo?*

Um dos do grupo responde-me:

— Coisa nenhuma afinal.

Vem dizer-me outro: o *Vencidismo* é difficil de classificar. Foi um estado de espirito nascido de affinidades já existentes e das que uma convivencia, d'ellas nascida, mais avolumou e multiplicou: estado feito de interesses intellectuaes, de curiosidades artisticas, de cordial sinceridade, de inteira independencia de idéas e de convicções, de completa tolerancia perante as crenças ou descrenças dos outros, de alegria no jogo e troca de theorias tantas vezes paradoxaes, de tristeza ante o espectaculo de muita ruina social, de estima por algumas individualidades do tempo, de desdem por muitas...

No fundo, as duas respostas podem conciliar-se, acceitando nós que esse grupo, tão rico de aspectos, ***não foi cousa alguma*** no sentido de revestir um caracter de aggremiação especial, com programma feito e plano determinado. O grupo dos «Vencidos» não constituía nem um *club*, nem uma *academia*, nem um *cenaculo*, nem um *partido*, nem uma *ordem*. Não se submettiam a preceitos, não acatavam opiniões feitas, não defendiam principios adoptados. Como tudo o que existe naturalmente, formára-se por um phenomeno de mutua attracção, de espontanea e sympathica aggregação de espiritos, dada entre homens para quem a circumstancia de se encontrarem um dia na sociedade, podendo comprehender-se e interessar-se, foi o unico motivo de se reunirem de novo; vindo a nascer de cada palestra *inter pocula* o projecto da proxima excursão, do proximo jantar, da proxima ceia.

Sería tambem difficil estabelecer aqui datas rigorosas. Apenas sei que, á entrada de março de 1888, estava de fresco o titulo «Vencidos da Vida». Havia pouco que Oliveira Martins — o padrinho — assim baptisára, durante um jantar, este grupo, cujo melhor periodo decorreu desde aquelle anno até 1891. Não tinham ponto de reunião forçado. Ora jantavam n'um hotel, ora n'um *restaurant*, ora, quando a primavera começava

EÇA DE QUEIROZ, OLIVEIRA MARTINS, ANTHERO DO QUENTAL, RAMALHO ORTIGÃO, E GUERRA JUNQUEIRO

(Cliché da Photographia União, do Porto)

a *papoulejar* os campos dos arredores de Lisboa», debaixo dos parreiraes das *hortas* suburbanas. E por toda a parte e sempre, o que discutiam era tudo o que suggeriam, no momento, a phantasia de cada um, as occorrencias sociaes da occasião, as actualidades mundanas, politicas, litterarias ... «E como não havia partido politico, escreve-me um d'elles, escola litteraria, ou *coterie* mundana a que cada um de nós obedecesse incondicionalmente, a discussão nunca era exaltada, as opiniões nunca, nunca envenenavam a cordialidade da convivencia». Como deviam ser vibrantes, cheias de espirito, essas discussões dos «Vencidos»! E as historias contadas? E as impressões das viagens, das leituras, da vida mundana? N'essa galeria de *onze* homens tão diversamente dotados havia quem alimentasse á farta todos os veios da mais curiosa e renovada conversação. Grande pena faz que algum de entre os «Vencidos» não tenha tomado correntes notas de quanto de melhor disseram e discutiram. Dos ditos felizes, ás esfusiadas, apenas um ou outro lembrará hoje. Passaram como a espuma irisada e leve do Champagne que os acompanhava. Das anecdotas e casos poucos tambem sobrenadam na memoria dos do tempo. Entre elles, um, a que Eça de Queiroz alludiu já; e que repito aqui, só porque revela esse espirito de natural cordialidade e de facil adaptação, tão proprio dos novos e, assim, d'esse grupo cheio de mocidade — a despeito da edade de alguns.

Certa noite, entrando na sala do *restaurant* onde haviam de cear, souberam os «Vencidos» que no quarto ao lado estava uma mulher, só, esperando alguem ... que não chegava. Mandaram-na convidar a vir cear com elles. Acceitou. Era a celebre Maria Juliana — a mais petulante e engraçada aventureira d'essa epoca. A sério, ia um dos convivas (naturalmente Oliveira Martins) explicar o terrivel *deficit* do país, quando ella exclamou:

GRUPO DOS «VENCIDOS DA VIDA» TIRADO EM 1888 NO JARDIM DA CASA DO SR. CONDE DE ARNOSO, NA RUA DE S. DOMINGOS, Á LAPA

— Bem o conheço — é o do Banco Inglez.

Alludia a um Duff, então director d'aquelle Banco.

Foi talvez ali que ella, com G. Junqueiro, armou um dos seus mais vivos e renhidos assaltos de phrase. Já no fim, quando o poeta, derivando de assumpto, calculava a despeza provavel d'uma esboçada viagem — observou-lhe com impertinencia:

— Isso é a minha conta — só no sapateiro.

Ao que elle, sem hesitar, respondeu logo:

— Deixa cá vêr quantos pés tens.

Quasi sempre n'essa corda de bom humor, até no aspecto das contas os «Vencidos» revelavam o seu feitio *rapaz*, anti-solemne. Terminada uma ceia no Tavares, deviam: de bacalhau e pão — 18 vintens; de Champagne — 18 mil réis.

CONDE DE SABUGOSA, MARQUEZ DE SOVERAL, CARLOS MAYER, CONDE DE FICALHO, GUERRA JUNQUEIRO, RAMALHO ORTIGÃO, CARLOS LOBO D'AVILLA, CONDE DE ARNOSO, EÇA DE QUEIROZ E OLIVEIRA MARTINS

(Este grupo é assignado por todos os «Vencidos da Vida»)

Por isso mesmo que o seu intuito se resumia n'essa inoffensiva e simples convivencia, e se mantinham indifferentes a muito do que em volta d'elles se passava—os «Vencidos» começaram, dentro de pouco tempo, a despertar curiosidade, a intrigar e irritar o publico. «O que quereriam elles? Qual seria o seu *fim?* O que andariam tramando?»

Então, á força de se ouvirem *proclamar*, e visto todo o mundo querer que elles fossem *alguma coisa* e andar tão inquieta a propria imprensa, os «Vencidos» publicaram o *seu programma*—phantastica *blague!*

Uma noite, depois d'um jantar em casa de Bernardo de Pindella—caíam sobre a redacção do *Tempo* (jornal então de Carlos L. d'Avila) e era Eça de Queiroz, quem, rodeado de todos os companheiros, lançava esse programma, n'um artigo de fundo fuzilante de ironia. E, além de programma, tiveram hymno—hymno com musica da Rosa Tyranna e versos do C. de Sabugosa—cantado no dia dos annos d'um dos «Vencidos». Estavam consagrados. E d'esta altura por diante, mais attenta e anciosa os espiou a Opinião. Ao sabor da imaginação de cada homem ou de cada agrupamento, attribuiam-se-lhes, com crescente frequencia, os mais extraordinarios propósitos. Alguns viam n'elles uma aggremiação com fins politicos—um perigo para os governos e para os partidos; havendo até quem malignamente escrevesse e pronunciasse a palavra *camarilha*, visando certas figuras do grupo. Comprehende-se, pois, o espanto—origem de indignado terror ou de subito respeito pelos «Vencidos»—com que, uma dada noite, foi recebida a noticia de que tinham tido por conviva, havia poucas horas, o conselheiro Antonio de Serpa. O facto, tão natural, d'essa aproximação entre um homem de Estado, que tivera educação litteraria — coisa com effeito rara entre nós — e este grupo nobremente culto e educado assumira proporções de escandalo, para uns; para outros intencional significação, a acatar. «Não deveria ter ido envolver-se, elle um politico, com gente que o não era» — opinavam aquelles, carrancudos. «Elle, que lá foi, é porque os «Vencidos» algum peso vão ter nos negocios publicos...» ponderavam estes, já risonhamente acquiescentes. Não passára tambem sem reparo o facto de terem convidado para um outro jantar, servido no Bragança, o Conde do Casal Ribeiro, embora as figuras do mundo diplomatico não preoccupassem tão directamente, como as do mundo politico, o indigena susceptivel. Muitos apontavam os «Vencidos» como demolidores, pela ironia e pela critica, dos solidos alicerces da Ordem. Não faltou mesmo quem os julgasse nocivos como escola de scepticos, como homens de pensamento livre—ameaça viva dos bons principios. Havia gente para quem elles não passavam d'uns ambiciosos—apezar de todos ou quasi já terem *chegado*. «O que são, são uns *mystificadores*, e uns preciosos» —diziam outros. Não constara mesmo dos jornaes lidos de Lisboa, *Novidades* e *Tempo*, que os «Vencidos» procuravam um *retiro*, um mosteiro, no convento da Arrábida ou no Palacio do Calhariz, d'aquella serra, onde fossem recolher-se temporariamente como antigos monges? E uma idéa de Oliveira Martins, que realmente se lembrára de escolherem um sitio onde todos os annos se refugiassem e refizessem das fadigas e preoccupações da vida social e mundana —idéa, afinal, bem difficil de realizar—fôra assim um novo motivo de intrigados murmurios.

Se taes hostilidades e protestos se levantavam sobretudo no mundo dos politicos e videiros, nem por

isso entre gente de lettras deixavam de cerrar-se nervosamente, á evocação d'aquelles *felizes*, punhos magros de intelligentes rapazes. E a suprema consolação d'estes estava no retrahido isolamento das tres ou quatro individualidades que faltavam ao grupo para este representar então, em absoluto, toda a *elite* da vida mental portugueza.

Por isso, grande foi a surpreza, e dolorosa, quando lhes chegou a noticia de que Anthero de Quental, pouco antes de partir para a sua ilha, e para não mais voltar, estivera n'um ágape dos «Vencidos» ... ali no Tavares. Isto, depois de lhes ter constado que a sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho jantára com o grupo, alguns dias antes, em casa dos condes de Ficalho.

CONSELHEIRO ANTONIO CANDIDO

Mas, acima de tudo, os «Vencidos» enfureciam a Lisboa que invejosamente via n'elles um grupo de *dandies* e de epicuristas requintados, certamente cheios de insolente desdem pelos outros, e impertinentes a ponto de adoptarem, elles, uns vencedores, uma designação humilhante para os verdadeiros vencidos. Aqui — lembro-me bem — é que realmente a má vontade attingia as proporções d'uma hostilidade viva. Tudo o mais, emfim, lhes perdoariam: mas o prestigio physico d'alguns dos «Vencidos», o primor de *tenue* de muitos d'elles, as excepcionaes condições de todos estonteavam de despeito quantos escaldadamente sonhavam impossiveis triumphos mundanos. Foram o pesadelo de muito megalomano falhado, e de muito amoroso... *in partibus*. Naturalmente, os mais visados dos «Vencidos», n'este campo melindroso, eram aquelles a quem se attribuia, como certas ou provaveis, maior numero de *bonnes-fortunes*. Conselheiros lascivos houve e estudantes púberes que irmanaram no mesmo invejoso ciume — indeterminado de objecto, mas nem por isso menos intenso e profundo — ao verem ou lembrarem Bernardo de Pindella e o sr. Luiz de Soveral.

CARLOS LOBO D'AVILA

Não tinha, porém, só olhos e ouvidos hostis a gente que rodeava o discutido grupo, o publico que os via, escutando curiosamente quanto d'elles se contava. Para muitos, o grupo dos «Vencidos» desempenhou até, a despeito seu, um papel opportunamente sympathico, uma missão grata — n'essa turva Lisboa do tempo.

N'um mundo que já não tinha *salões* — e quando este mesmo assumpto era brilhantemente discutido nos artigos da sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho e de Carlos Lobo d'Avila — os «Vencidos» alimentaram directa e indirectamente o melhor da vida da sociedade portugueza, pelo que disseram e inventaram, pelo que d'elles se inventou e disse.

N'um momento em que Lisboa, sob um clarão novo de plutocratismo, se tornára campo aberto e incaracteristico de *jouisseurs* brutaes, de *parvenus* irritantes — os «Vencidos» representaram o respeito do valor pessoal, o amor dos nossos aspectos de vida e arte, a superioridade do talento, e a graça aristocratica.

N'um meio estreito de ideas, intolerante por teimosia indolente, tecido de prejuizos miudos — os «Vencidos» encarnaram a tolerancia e a adaptabilidade intelligente.

CONDE DE FICALHO

Ha mais. Entre os egoismos ferozes, as ambições violentas, as vaidades impacientes que os cercavam — os «Vencidos», no seu maior numero, souberam ser dedicados e primorosos, e os mais simples dos conhecidos ou dos amigos para todos quantos d'elles se approximaram, a titulo de antiga intimidade ou de recente encontro.

E tão alto puzeram, entre si, esse culto da amizade, que ainda hoje, — quando a morte já n'elles dizimou e a vida os traz espalhados — não sabem dizer ao certo se o *Vencidismo* acabou.

Se os «Vencidos da vida» tivessem querido formar uma academia — academia livre, por isso mesmo viva e fecunda — não lhes teria faltado gente que lhe désse as mais variadas secções.

Não estaria ali a eloquencia opulentamente representada?

Logo sob tres aspectos ou maneiras: nobre, larga, ondulando voluptuosa, colorida a cheios claros, toda de *periodo*, com Antonio Candido — artista que, ao falar, justificadamente parece ir escutando a sua propria musica, deixar-se levar, fluctuante, na mesma corrente em que nos leva.

Agil, facil, espontanea, floreteada como uma arma de torneio, que tambem se afiasse para combate, eloquencia mais de *phrase* do que de periodo, com Carlos L. d'Avila!

Visando ao *termo*, ao vocabulo-resumo, precisa, lucida, sublinhadamente imposta, com o conde de Ficalho — o presidente dos «Vencidos». Esta mesma feição que nos *contos* se traduz pela exactidão frisante da nota descriptiva e pela revelação sóbria do fio da acção — iremos nós encontral-a nos seus trabalhos historicos, de accentuado caracter *objectivo*, onde o professor de ante-mão quer e logo consegue *fazer vêr* cada detalhe ou aspecto intencionalmente indicado.

E já passo a outro aspecto e caracter da Historia — o da obra de Oliveira Martins. N'esta, pelo contrario, é o auctor que nós encontramos e vemos a cada volta de pagina. Mas a sua personalidade, se invade as folhas dos seus livros, é com isto exactamente que nos deixa n'elles ler fundo: porque tomou em si, absorveu as personagens que arrancou do passado, e dentro de si proprio as *transfigura* em representações da divinatoria visão, da exegetica idéa que d'ellas teve.

Se n'ellas vive, á força de as evocar, embora a uma luz sua, e olhando por um angulo todo seu, logo ellas se tornam tambem projecções vivas do evocador. Opposições e affinidades de caracteres, luctas de paixão e enlevos affectivos, hediondez ou graça de visagens e aspectos — tudo isto n'elle desperta, como *de dentro*, animadas imagens. É uma allucinação. Não admira, pois, que elle fôsse, como foi, o grande *dramaturgo historico* do nosso tempo.

Alliciadora de translucida, firme de linha, justa de tom, insinuando-se, ganhando-nos passo a passo, corre segura a narração do conde de Sabugosa, cujo magistral trabalho sobre o «Paço de Cintra» — regalo de artistas, de historiadores e de archeologos — a todo o momento deixa entrever,

no equilibrio e medida do periodo, o *parnasiano* exigente e escrupuloso, o *contista* afeito ao traço proprio e escolhido, revelando ao mesmo tempo a seriedade forte do investigador preparado.

Inexgottavel de recursos verbaes; dotado, no mais alto grau, de rapida intelligencia penetrante; possuindo a facilidade de deslocação e a prompta orientabilidade mental proprias dos grandes combativos da palavra; comprazendo-se sempre nos violentos choques da antithese, ou transpondo a sua idéa n'um desdobramento magico de imagens, colhidas de toda a parte, e victoriosamente trazidas a servil-o domando a fórma; ao sabor e a geito de todos os movimentos, caprichos, alongados passos ou bruscos saltos do pensamento — Guerra Junqueiro realizava ali o polyforme typo de eloquente, que todos n'elle admiram. Egualmente apto para o desenvolvimento dialectico — tão terrivel de sequencia logica que, acceito o seu ponto de partida, paradoxal ou não, não ha metter-lhe brecha — feito para nos deslumbrar e para nos surprehender, deixa-nos explicar todas estas vantagens, conscientemente possuidas, pela sua inabdicavel tendencia intimativa, e pelo *tom* ciosamente affirmativo, reconhecivel em todas as manifestações da sua oralidade, e em muito da sua obra de Poeta: pois ha n'esta, por largos trechos, tambem um quê de imperioso, de irresistivel ao rythmo, que nos leva como nos levaria uma cadencia de marcha triumphal.

OLIVEIRA MARTINS

A completar-lhe taes recursos, um coruscante sarcasmo. Por isso a sua palestra era quasi sempre uma continua girandola de ditos felizes e vivos; e se, ao estralejarem, uma ou outra fagulha caía em cima dos que o rodeavam, todos lhe perdoavam a queimadura pelo bem que lhes sabia ouvil-o. Apesar de entrar então na segunda phase da sua luminosa existencia — phase idyllica dos *Simples* — ainda não queria deitar fóra os agudos farpões da satyra. Ainda julgava que podiam servir-lhe no mundo. Hoje, é possivel que queira renunciar de todo ao emprego do dardo fuzilante, n'esta encruzilhada dos tempos em que aos seus olhos, mais felizes do que os nossos, já brilha o clarão das supremas conciliações. Mas tenho por certo — e ainda bem — que o demonio da ironia ha de trahir sempre esse que foi outr'ora, entre o tumulto dos homens, um bom «Vencido da vida».

CONDE DE SABUGOSA
(Retrato de Carlos Reis)

Certos caturras entendem que só uma formidavel bagagem de massadas lidas ou de tratados escriptos podem legitimar o titulo de *intellectual*, garantir alguem como pessoa instruida e culta.

Para estes cerrados fanaticos da illustração livresca, a lição da Vida, a observação variada dos homens, a desanuviadora pratica das viagens, as exigencias da frequencia mundana, obrigada ao exercicio rapido da analyse subtil e ao emprego constante da attenção — são tudo cousas insubstanciaes, inconsistentes, a que falta lastro.

Oh! les cuistres!

E, no emtanto, a realidade vae mostrando que mais vale, muitas vezes, uma só palavra dita do que duas philosophias escriptas.

O sr. marquez de Soveral representa o mais flagrante desmentido d'aquella theoria caturra. E por isto se explica que a cultura viva da sua intelligencia facil irrite os massadores lentos; ao mesmo tempo que o primor do seu trato confunde por ahi tanto *rustre*, e que o seu *espirito* faz escandalo n'uma terra de semsaborões.

GUERRA JUNQUEIRO

Para cumulo, veiu desconcertar aquelles a quem se impunha a opinião feita: de que a *diplomacia* deve fazer uso d'uma gazua de astucia.

Pois não é d'este instrumento que o marquez de Soveral se serve. E' o prestigio pessoal, devido precisamente á sua cordial simplicidade e sincera lisura, é o *charme*, todo seu, em grande parte feito d'estas qualidades, que lhe tem servido de irresistivel e veleira chave...

Teve Teixeira Lopes uma clara intuição de interprete plastico ao fazer surgir do mesmo bloco, como da propria madre da Terra, o busto de Eça de Queiroz e a figura de mulher em que representou a nudez forte da Verdade (não tratando agora de perguntar se essa concepção da *Verdade* será a verdadeira relativamente ao grande romancista). Porque nunca creador e obra mais intimamente viveram e se penetraram, foram tão gemeos — embora nunca tambem um escriptor tenha, com tão intenso amor da fórma, *exteriorizado* melhor, autonomisado as suas visões da Belleza. Uma mesma seiva parece circular-lhe da obra para a vida, da vida para a obra. Esta, sendo uma creação — é um prolongamento. O proprio *humour* (e que *humorist* elle foi!) não será no fundo uma prova do grande sentimento da Vida? Em cada *realização* sua sempre com elle nós nos sentimos vibrar. E não é o menor titulo da sua memoria gloriosa de romancista — este segredo de sempre nos deixar sentir, atravez da sua *fórma* limpidamente divina, estremeções de vida nervosamente humana.

Entre aquelles que, no meio portuguez, podem e sabem interessar-se pelas coisas da Arte e do Espirito — o sr. Carlos Mayer é ainda uma luminosa excepção. Não ha talvez em Portugal um *leitor* melhor preparado, cuja cultura litteraria seja tão cuidada, cuja memoria, facil e fiel, esteja tão ricamente provida. O seu instincto critico é rigorosamente certeiro; o seu gosto, tão subtil, tão agudo como o do mais exigente *provador*. E' corrente que possue de cór, entre muitas outras coisas, o melhor da grande litteratura classica da França. Até consta que foi quem revelou Racine... a Eça de Queiroz. Com isto, a mais clara intelligencia pratica, a mais larga e completa comprehensão de todos os assumptos commerciaes e economicos do paiz. E uma fórma especial, muito sua, de espirito — uma constante energia de graça imprevista, uma renascente *vis* de imperturbavel invenção paradoxal.

Ramalho Ortigão ostenta aos meus olhos, atravez da sua nobre carreira de labor litterario, e da sua luminosa, colorida, arejada e fragrante obra de mestre prosador, um dos mais sympathicos e curiosos complexos de temperamento e de mentalidade que tenho encontrado pela existencia fóra. Resumindo. E' ao mesmo tempo um sybarita e um sobrio; um guloso pintor de sumptuosidades e

MARQUEZ DE SOVERAL

EÇA DE QUEIROZ
(Retrato de Columbano)

CARLOS MAYER

RAMALHO ORTIGÃO
(Retrato de Sargent)

um cultor de *intimismo*, na realidade e na arte: um vigoroso e um delicado. Apto a reproduzir e a sentir todos os aspectos francos da vida; capaz de tocar de leve visões brandas de sonho; amando os corpos bellos, sem magoar as almas candidas; além do mais, tão naturalmente bom como conscientemente são e forte. Tal o homem e o artista me apparecem. Se a sua rica imaginação physica lhe dá paginas sensuaes, a vibrarem côr e luz, a sua delicadeza intima far-lhe-ha encontrar detalhes de expressão e *nuances* de sentido, que a muitos outros fugiriam. Abrirá os olhos, regalado, diante d'uma festa de Veronezo; mas pensará diante d'um retrato de Rembrandt, e sorrirá com sympathia vendo um *interior* de Teniers. A' vista d'um banquete de Jordaens, sentirá crescer a agua na bocca; mas olhará depois mais commovidamente attento uma scena de Hans Memling ou de Van der Weyden.

Fez-nos hontem a descripção plethorica d'uma romaria ou d'um cortejo, que moveu sob um glorioso sol? Pois hoje, encantado tambem, levar-nos-ha a visitar um claustro cheio de fresco silencio para, de olhos humidos, nos evocar á vista a figura ligeira e branca d'uma noviça, erguendo na mão delgada uma haste de açucena. E' este interesse de tudo o que faz o critico; mas este critico, porque é um emotivo, deve ser visto sob os aspectos das suas emoções dominantes.

Não admira, dado o seu feitio, que este artista e este homem tenha repartido a sua actividade, egualmente bem, pelas viagens e pelo trabalho, pela convivencia alegre e pelo isolamento fecundo. Não admira que, recordando gratamente a festa mundana da vespera, se arrume com vontade á larga mesa de trabalho, no meio das lindas coisas dispostas em roda — na sua encantadora, nunca abandonada trapeira da calçada dos Caetanos. Como é um bom, sendo um forte, doeu-lhe um dia vêr em roda de si tanta gente enfezada, mal trajada e triste — gente que era a maioria da sua cidade adoptiva. E desde esse momento resolveu ser-lhes util, e fez a campanha das *Farpas*, que não foi por certo de todo indifferente na transformação social e material da vida lisboeta. E ainda aqui se revelou de maneira tocante, a meu vêr. Alguem lhe terá apontado o seu enlevo do *Estrangeiro*. Mas a esse enlevo deveu, sobretudo nas viagens, muito do que fez e acertadamente aconselhou. Comparando, e exaltando os de fóra — o que elle queria era estimular e educar os de casa. E nunca este amor da sua terra o abandona, descancem. Aposto que ao contemplar as preciosas e sisudas tulipas de Haarlem lhe lembram sempre, fazendo bater o seu coração de eterno rapaz, os nossos doidos, amorosos cravos de Portugal.

Tambem aqui os ultimos podem ser os primeiros. Por isso só agora vem, para me ficar mais proximo, o meu querido conde de Arnoso, o Bernardo de Pindella dos «Vencidos».

No seculo XVI, teria florido entre os cavalleiros poetas da côrte portugueza: e não teria sido em vão que nos *saraus* manoelinos murmurasse a ouvidos attentos algum *vilancete* ou *sentença* amorosa. Mas, sem desdenhar os fructos d'essa sementeira, não se ficaria apenas a colhel-os. Encontral-o-hiam sempre onde fôsse necessario rasgar, á ponta da espada, o gibão d'um impertinente, desfazer qualquer intriga a golpes de verdade, segredar ao seu Rei um leal conselho, e escudar com o seu o peito d'alguem posto em risco. E certo dia, n'essa ancia tão nossa de vêr mundo, elle ahi partiria n'uma *nau* da India, demandando o Levante tentador, para voltar sómente rico de visões luminosas, e mimoso de escolhidas curiosidades d'arte. Até que, enfastiado de grandezas, só lhe désse regalo espalhar o bem, como um santo.

Hoje, que o tempo não vae tanto de molde ao feitio cavalleiroso, a tão rasgados garbos e promptas arremettidas de leal bravura — vinga-se elle ainda, como ninguem, d'este senão historico, fazendo da sua vida a mais bella obra de conciliação chronologica. Bem do seu tempo, pela sua educação moderna, pela intelligente e opportuna orientação do seu espirito — vibram-lhe dentro as tradicionaes emoções da grande era portugueza. Mantendo tudo quanto d'essa epoca represente brio altivo, fiel dedicação, palavra abertamente franca, adapta, no emtanto, ás condições actuaes o muito que ainda tem para dar. A imaginada e tão provavel intervenção com que n'esses tempos correria a salvar quem o invocasse não se desmente hoje em dia. Tomou novas fórmas. E o bem que então espalharia, ainda hoje o espalha, sem revestir burel de santo; mas com tanto geito e graça como se fôsse elle quem tivesse de ficar... agradecido. N'um só passo satisfez um dia as ancestraes aspirações quinhentistas. Foi na sua viagem ao Oriente, d'onde realmente trouxe preciosos objectos d'arte. E a essa viagem se deve o livro *Jornadas pelo mundo*, bem merecedor de ser folheado, tão curioso de descripções e notas vivas. Mais um *visual* do que um *auditivo*, dá-nos sempre, n'este livro como nos outros, a nota dominante do *pittoresco*, sentindo-se a cada passo desperta a sua ávida curiosidade do *novo*, acceso a cada passo o seu sonho de *exotismo*, das surprezas do Longe. Esse predominio de *visualidade* explica bem como é contemplando e julgando obras plasticas, aspectos picturaes, d'arte pura ou decorativa — que o seu requintado e afeito gosto mais se compraz e melhor se affirma. E nunca o apreciará completa e devidamente quem o não veja e o não escute n'um meio d'arte.

E' possivel que este meu artigo desperte n'algum dos «Vencidos da vida» o desejo de o rectificar, pois nada mais natural do que ter eu por vezes perdido o pé. Se isso succedesse, louvar-me-hia de o ter escripto.

Coímbra — 10 de outubro de 1906.

MANUEL DA SILVA GAYO.

CONDE DE ARNOSO
(Retrato de Columbano)

ROMANCE DA PASTORA LINDA

A linda Pastora, guardando o seu gado,
Andava esquecida n'um alto montado.

E o Rei que voltava, sombrio, da caça,
Com seus falcoeiros e galgos de raça,

Detem-se, pensando, de subito, ao vê-la,
Em ermo tão alto, que fosse uma estrella.

— «Oh linda Pastora dos olhos castanhos,
Que passas a vida guardando rebanhos!

A tua belleza deslumbra os meus olhos,
Como uma tulipa no meio d'abrolhos.

Teus labios parecem cerejas vermelhas,
E a pelle é mais fina que a lã das ovelhas.

Sobre o oiro das tranças, tuas faces tão puras,
São duas papoilas em searas maduras.

Estrella ou Pastora, se queres ser minha,
Terás as riquezas que tem a rainha!» —

— «A flôr dos vallados é sempre modesta,
E a humilde zagalla presume de honesta». —

— «Terás equipagens, palacios, castellos,
E joias a arderem nos fulvos cabellos.

Um throno d'esmaltes em oiros massiços,
Lacaios, escravos, fidalgos submissos...»—

—«Ás vossas riquezas, perdida nos montes,
Prefiro mirar-me no espelho das fontes;

As joias, que valem, se eu guardo o meu gado,
Com rubras papoilas a arder no toucado...

De nada me servem fidalgos, escravos,
Pois tenho as abelhas e o mel dos seus favos.

Segui vosso rumo, que a tarde caminha;
Guardae as riquezas que são da Rainha».—

—«Não rias, vaidosa, das minhas promessas,
Que a forca tem visto mais lindas cabeças...»—

—«Talvez que mais lindas já visse pender,
Mas nunca tão firme nenhuma ha de ser,

Que a virgem Santissima, a Virgem Clemente,
Ampara, sorrindo, quem morre innocente.

E os Anjos, descendo do ceu a voar,
A forca viriam minh'alma buscar!»—

♣

E a linda Pastora, que a ser ultrajada
A morte prefere,—vae ser enforcada!

Levaram-na á força, das suas ovelhas,
Prendendo-lhe ás tranças papoilas vermelhas,

Com gritos d'escarneo, no meio da turba...
Mas nada os seus olhos serenos perturba.

E toda inundada da luz que irradia,
Sorrindo, os estrados da forca subia...

Então, n'um relance, do azul transparente,
Surgindo mais alvas que a lua nascente,

Duas pombas, que descem e vôam a par,
Nos braços da forca vieram poisar...

E a linda Pastora dos olhos castanhos,
Tão longe da serra, cercada d'estranhos,

Sem ter um gemido, sem ter um lamento,
Expira na forca... Mas n'esse momento,

No grande silencio que a morte causara,
Aos olhos de todos que attonitos viram
Tão grande prodigio, coragem tão rara,
Dos braços da forca — tres pombas partiram!

ANTONIO FEIJÓ.

FILIAL EM
ESPINHO
REAL FABRICA DE
CONSERVAS DE
MATTOSINHOS
L. C. D.ª & C.ª L.da
SUCCURSAL
EM LISBOA
RUA AUREA
137-1.º
Moraes